

1855

Centro de Documentação Farmacéutica
da Agência Nacional de Vigilância Sanitária

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

1855

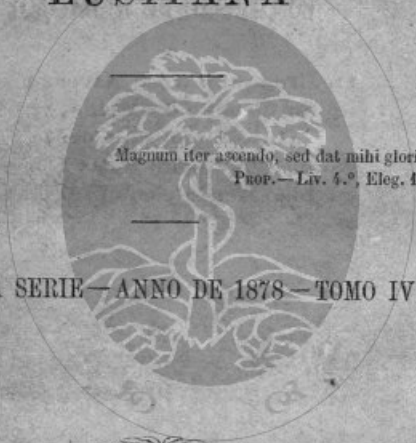
THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY

THE
LIBRARY OF THE
MUSEUM OF
COMPARATIVE ZOOLOGY
AND ANATOMY
HARVARD UNIVERSITY

1835

THE MUSEUM OF COMPARATIVE ZOOLOGY AND ANATOMY
HARVARD UNIVERSITY

JORNAL
DA
SOCIEDADE PHARMACEUTICA
LUSITANA



Magnum iter ascendo, sed dat mihi gloria vires.
PROP. — Liv. 4.^o, Eleg. 10.^a

SETIMA SERIE — ANNO DE 1878 — TOMO IV



Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem Farmacêuticos

LISBOA
IMPRESA NACIONAL
1878

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Dr. Joaquim José Alves, director
Joaquim Urbano da Veiga, vice-director
José Dionysio Corrêa
António Augusto Felix Ferreira
João José de Sousa Telles

Centro de Documentação Farmacêutica
da Ordem dos Farmacêuticos

JORNAL
DA
SOCIEDADE PHARMACEUTICA
LUSITANA

PEÇAS OFFICIAES

Aviso aos senhores pharmaceuticos

A sociedade pharmaceutica lusitana, sabendo que muitos pharmaceuticos de Lisboa e das provincias têm encontrado embaraços no modo de fazer o preço dos medicamentos preparados pela pharmacopêa portugueza, e constando-lhe tambem que a alguns se tem querido impor a obrigação de taxar pelo actual regimento o preço de medicamentos que têm o mesmo nome na pharmacopêa e no código pharmaceutico, mas que differem na proporção dos componentes e até no *modus faciendi*, resolveu em sessão de 16 de dezembro de 1877 o seguinte:

- 1.º Que o preço dos preparados que tenham formula igual na pharmacopêa e no código deve continuar a ser o que marca o actual regimento emquanto se não publicar um outro;
- 2.º Que o preço dos simples, sommado com o da mani-

pulação, será o d'aquelles preparados que, ou não se acham inscriptos no codigo, ou têm n'elle formulas differentes das da pharmacopêa.

Secretaria da sociedade pharmaceutica lusitana, 1 de janeiro de 1878. = O primeiro secretario, A. Felix Ferreira.

Extracto das actas das sessões litterarias

Sessão de 18 de dezembro de 1877

Presidencia do sr. J. U. da Veiga

A sessão foi aberta pelas sete horas da tarde.
Foi lida e approvada a acta da anterior sessão.
O sr. *primeiro secretario* deu conta da

Correspondencia

Officios: — 1.º Do ill.^{mo} sr. Manuel Guilhermino da Silva, residente na Marinha Grande, referindo-se a assumptos sobre que fôra interrogado por esta sociedade. — Inteirada.

2.º Do ill.^{mo} sr. João Baptista Barbosa Gomes Osorio, Valongo, accusando a participação da sua admissão a socio, e referindo-se a assumptos de thesouraria. — Inteirada.

3.º Da ex.^{ma} sr.^a D. Maria José da Cruz de Oliveira e Silva, Lavos, accusando a recepção do nosso jornal, e fazendo algumas considerações sobre negocios de thesouraria. — Inteirada.

4.º Do ill.^{mo} sr. Francisco Profirio Albano Gonçalves, Salvaterra, informando a sociedade de ter terminado n'aquella localidade o abuso cujo termo a sociedade promovêra, e a auctoridade local tão dignamente corrigira. — Informada.

5.º Do ill.^{mo} sr. José Maria Ferreira da Silveira Almendro, Figueira da Foz, mencionando a falta de recepção dos jornaes, e sobre varios assumptos. — Inteirada.

6.º Do ill.^{mo} sr. Miguel José de Sousa Ferreira, Porto, participando o obito da sua esposa. — Recebido com pezar, ficando a mesa encarregada de, em nome da sociedade, dar os pezames a este senhor.

Teve primeira leitura uma proposta do socio benemerito o sr. José Dionysio Corrêa, reduzindo a uma cada mez as sessões da sociedade.

O sr. *Sousa Telles* agradeceu a sua eleição para o logar de primeiro vice-presidente.

O sr. *Delicioso*, vogal da commissão de direito pharmaceutico, fez a leitura de um parecer, com referencia á proposta do sr. José Dionysio Corrêa sobre a refôrma da lei de saúde.

O sr. *Sousa Telles*, referindo os abusos ultimamente praticados na habilitação de alguns pharmaceuticos, disse que taes abusos contribuiam para a degradação da classe; e portanto que era urgente, urgentissimo, empregar toda a diligencia no sentido de embargar, e pôr cobro a tão inconveniente pratica.

O sr. *Felix Ferreira* propoz que o parecer acabado de apresentar fosse impresso.

O sr. *presidente* poz á votação e foi approvada esta proposta.

Fallaram ainda sobre a necessidade de representar aos poderes publicos, contra os escandalos na habilitação pharmaceutica, os srs. *Delicioso*, *Jara*, *Telles*, etc.

Não havendo mais a tratar o sr. *presidente* encerrou a sessão, dando para ordem da noite da sessão seguinte propostas, pareceres de commissões e segundas leituras. = O segundo secretario, *João de Jesus Pires*.

Centro de Documentação Farmacêutica

PHARMACIA

Algumas considerações acerca dos actuaes interesses dos pharmaceuticos portuguezes

A pharmacia não é uma profissão que se possa exercer sem previos conhecimentos, como são muitos outros misteres de vida, e em que aliás se auferem interessès muitos superiores.

O pharmaceutico digno d'este nome tem de empregar o

melhor tempo da vida, a juventude, na pratica da pharmacia, estudando conjunctamente as disciplinas dos cursos dos lyceus, o que é de grande difficuldade para o aspirante que deseja cumprir com os seus deveres, tendo muitos dias de fazer grandes esforços intellectuaes para vencer as lições e comprehender as materias.

Alguns, empregando o dia todo no laboratorio, chegam á noite cheios de fadiga; é essa a hora que lhes é destinada para o estudo; como poderão emprehendel-o? Com grande difficuldade, porque o moral, para bem poder funcionar, é preciso que o physico não esteja fatigado; ninguem ignora que o estudo da manhã, depois do descanso da noite, é o mais proveitoso. Concluido o tirocinio pratico de oito compridos annos, e os exames preparatorios que a lei exige, tem ainda o aspirante novos trabalhos para se habilitar para o exame de pharmacia, tendo de estudar esta disciplina e as sciencias correlativas, o que demanda muito tempo e por conseguinte muita despeza.

Depois de tão longos e arduos trabalhos consegue as suas cartas ou diploma de pharmaceutico e finalmente estabelece pharmacia, tendo de empregar avultado capital para esse fim.

Qual é pois o resultado que o pharmaceutico tira de tantos sacrificios? É, desgraçadamente para a classe pharmaceutica, mui pouco, e parece-nos que vae sendo cada dia menor. Por um lado os preparados de composição desconhecida com que os estrangeiros inundam o paiz. Por outro a venda de muitos preparados pharmaceuticos em casas que não são pharmacias, como toda a gente observa, chegando o atrevimento de seus donos a ponto de annunciar os mesmos. Vimos ha pouco n'um jornal de Lisboa annunciada uma injeccão para cura de blennorrhagias, e uma pomada para herpes, á venda n'uma loja d'esta cidade, dizendo-se no annuncio com o maior desplante «*garante-se o resultado!* Parece incrível que isto se consinta n'uma capital civilisada como a nossa.

Em presença d'estes factos a posição do pharmaceutico portuguez é má, os seus interesses soffrem immenso. Sa-

bemos de alguns que se vêem em circumstancias tão pouco lisongeiras, que têm de despedir os ajudantes por não poderem com a despeza. É realmente triste a posição do pharmaceutico, que, alem da perda dos seus interesses, perca tambem a liberdade, ficando um verdadeiro escravo entre cidadãos livres!

Este estado de cousas não pôde permanecer por muito tempo. Aos poderes publicos cumpre prover de remedio. A legislação pharmaceutica impõe graves penas ao pharmaceutico que se ingerir, ou invadir a esphera medica; que vender purgantes ou quaesquer outros medicamentos sem receita; se ha graves inconvenientes para a humanidade em o pharmaceutico proceder contra a lei, muito maiores são os que resultam de qualquer individuo, que não é pharmaceutico, proceder contra essa mesma lei. Sejam de uma vez para sempre cortados os abusos com severa fiscalisação ás casas, em que pseudo-pharmaceuticos expozerem á venda medicamento, e sejam os vendedores punidos com todo o rigor das leis, *suum cuique tribuere*.

Agora que se está elaborando o novo preçario legal, e em que pessoas competentissimas, formando uma commissão, têm empregado muito tempo e discutido muito para conseguirem o *desideratum* n'esta materia, favorecer o pharmaceutico sem lesar o doente, agora, repetimos, temos sobejos motivos para esperar de tão esclarecidas intelligencias, que os interesses dos pharmaceuticos portuguezes serão devidamente attendidos.

Torres Vedras, fevereiro de 1878.

D. A. PITTA SIMÕES.

Gargarejo alcoolico

Pelo sr. Watson

Agua-ardente.....	50 gram.
Agua commum.....	100 »
Misture. Para combater a salivação mercurial.	

Gargarejo contra a estomatita

Pelo sr. Van Holsbeck

Acido salicylico	2 a 4 gram.
Xarope de amoras	30 »
Agua de rosas	120 »

F. s. a. Aconselhado contra a estomatita e a angina.

Glycerado contra a blépharita ciliar

Pelo sr. Thiry

Subazotato de bismutho	4 gram.
Amido em pó	8 »
Glycerina neutra	12 a 15 »

F. s. a. Duas ou tres vezes por dia unções sobre a borda livre das palpebras, para abrandar os pruridos da blépharita ciliar. Nos intervallos loções com decocto de herva moura e dormideiras.

Injecção antileucorrhéica

Pelo sr. Roguetta

Cozimento de fuligem de lenha	400 gram.
Alumen em pó	15 »
Agua	100 »

Solva o alumen na agua e misture o soluto ao cozimento.

Esta injecção é empregada utilmente contra a leucorrhéa, administrando-se ao mesmo tempo e internamente os preparados ferruginosos, as tisanas amargas, e aconselhando-se um regimen tonico e de exercicio no campo.

Injecção contra a blennorrhéa

Pelo sr. Gamberini

Tinctura alcoolica de aloès	16 gram.
Agua distillada	120 »

Misture. Tres injecções por dia.

Injecção vaginal calmante

Pelo sr. Trousseau

Folhas seccas de belladona.....	} aã 15 gram.
Folhas seccas de estramonio.....	
Agua commum.....	750 »

Ferva até reduzir a 500 grammas, cõe e ajunte:

Laudano de Rousseau 2 a 4 gram.

Esta injecção é applicada para acalmar as dôres do cancro uterino, e tornar-se-ha toxica se for tomada em clyster.

Linimento albuminoso

Pelo sr. Christison

Clara de ovo.....	} aã partes iguaes
Alcolo.....	

Misture agitando. Este linimento é aconselhado para o curativo das excoriações que resultam da pressão violenta ou da contusão.

Linimento contra o coryza

Pelo sr. Van Holsbeck

Acido salicylico.....	50 centigram.
Acetato de morphina.....	5 »
Glycerina.....	30 gram.

F. s. a. Applica-se, por meio de fios, sobre a membrana pituitaria, para combater o coryza.

Pastilhas absorventes

Pelo sr. Beasley

Carbonato de cal precipitado.....	45 gram.
Magnesia alva.....	30 »
Noz moschada em pó.....	2 »
Assucar de fôrma em pó.....	90 »
Gomma arabica em pó.....	15 »
Agua distillada.....	q. b.

F. s. a. para obter pasta firme, a qual será dividida em

pastilhas e seccas na estufa. São administradas na d6se de 4 a 10, como absorventes, na dyspepsia acida com pyrosis.

Pastilhas de acido tannico

Pharmacop6a ingleza

Acido tannico.....	1,5 gram.
Tinctura de Tolú.....	1,5 »
Assucar de f6rma em pó.....	60,0 »
Gomma arabica em pó.....	2,5 »
Mucilagem arabica.....	5,0 »
Agua distillada.....	2,0 »

F. s. a. pasta homogenea, que ser6 dividida em 60 pastilhas e seccas na estufa. Cada pastilha cont6m 25 milligrammas de acido tannico.

Uma a seis pastilhas contra a diarrh6a, dysenteria, metrorrhagia, etc.

Pilulas de aconito

Pelo sr. Devergie

Extracto hydalcoolico de aconito..	50 centigram.
Conserva de rosas.....	q. b.

F. s. a. 20 pilulas. Uma a duas, de manh6 e de tarde, contra as d6res oste6copas da syphilis constitucional. Prescreve-se igualmente no tratamento geral da syphilis terciaria.

da Ordem dos Farmac6uticos

P6 alcalino

Pelo sr. Devergie

Carbonato de soda em pó fino.....	40 gram.
Fecula de batata.....	100 »

Misture. Este p6 6 aconselhado contra certas affec66es da pelle, o ecz6ma agudo, por exemplo. Internamente, bebidas diluentes, purgantes repetidos.

Poção absorvente alcalina

Pelo sr. Fonssagrives

Oxydo de magnésio.....	4 gram.
Agua de cal.....	60 »
Agua distillada.....	60 »
Xarope de flor de laranjeira	30 »

F. s. a. Administra-se ás colhéres, de hora em hora, na pneumatóse intestinal. Clystères frios preparados com infuso de macella.

Poção alcoolica

Pelo sr. Gubler

Alcool a 85°.....	} aã 50 gram.
Agua commum.....	
Xarope de casca de laranja.....	

Misture. Administra-se uma colhér das de sopa de duas em duas horas, ou mais repetidas vezes, na pneumonia ataxo-dinamica e n'outras affecções acompanhadas de delirio.

Poção tonica ferruginosa

Pelo sr. dr. Le Diberder

Agua.....	200 gram.
Extracto de genciana.....	5 »
Tinctura de genciana.....	15 »
Tartarato de potassa e de ferro.....	10 »
Xarope de casca de laranja	70 »
Acido citrico	50 »

F. s. a. Contra a chlorosa, e administra-se uma colhér das de sopa antes de cada comida.

Pomada antiseptica

Pelo sr. Van Holsbeck

Acido salicylico	4 gram.
Oleo de amendoas doces	2 »
Banha preparada	30 »

F. s. a. Para o curativo das ulceras atonicas de má natureza.

Soluto antiseptico

Pelo sr. Thiersch

Acido salicylico	2 gram.
Phosphato de soda	6 »
Agua distillada	100 »

F. s. a. Embeba fios de panno de linho n'este soluto e applique-os sobre as ulceras putridas, para apressar a granulação e a cicatrização. O auctor propõe substituir o acido salicylico pelo acido phenico no tratamento das ulceras pelo methodo de Lister.

Pomada de extracto de aconito

Pelo sr. Turnbull

Extracto alcoolico de aconito	3 gram.
Banha preparada	8 »

Misture. Este medicamento é aconselhado para combater as dôres nervalgicas. Para as dôres rheumaticas chronicas, o auctor recommenda o uso do preparado seguinte:

Extracto alcoolico de aconito	3 gram.
Ammonia liquida	10 gotas
Banha preparada	12 gram.

Misture intimamente para fazer pomada, a qual será conservada em frasco de vidro bem rolhado.

Tinctura dentifricia

Pelo sr. Jeannel

Alcool a 85°	100 gram.
Cato em pó	10 »
Benjoim em pó	2 »
Essencia de hortelã pimenta	1 »

Macere por 24 horas e filtre. Tónico adstringente, util na gengivita expulsiva e amolecimento das gengivas. Em um copo com agua fria deita-se 1 a 4 grammas d'esta tinctura, para enxaguar a bôca de manhã e á noite.

Soluto antiherpético

Pelo sr. Purdon

Acido chromico..... 4 gram.

Agua distillada..... 30 »

Solvã. É applicado externamente contra a tinha circinada, a tinha tonsurante, a sycôsa e outras affecções parasitarias. O auctor recommenda ainda contra certos eczêmas chronicos.

Pomada estimulante

Pelo sr. Wagner

Acido salicylico..... 4,5 gram.

Alcool..... 3,0 »

Banha preparada..... 15,0 »

F. s. a. É aconselhada contra as ulceras infectas e que se cicatrizam difficilmente.

Soluto contra a pityriasis

Pelo sr. Hillairet

Chloreto mercurico..... 0,15 gram.

Agua distillada..... 300,00 »

Solva. Loções de manhã e de tarde sobre o couro cabelludo.

Xarope alcalino

Pelo sr. Bazin

Bicarbonato de soda..... 8 gram.

Xarope simples..... 60 »

Solva o sal em pequena quantidade de agua, filtre e ajunte o soluto ao xarope, que será ligeiramente fervido. Administra-se uma ou duas colhéres d'este xarope, todos os dias, ás pessoas sujeitas a affecções cutaneas e que apresentem a diathese arthritica.

J. D. CORRÊA.

CHIMICA

Sobre a presença dos compostos metallicos nas substancias alimenticias

Pelos srs. H. Paul e T. Kingzett

1.º O cobre existirá sómente no estado de mistura nas ervilhas de conserva, ou estará combinado com as materias albuminoides ou com algum outro principio constituinte?

2.º Entrará elle em dissolução sob a influencia do acto da digestão?

3.º Quando introduzido no estomago será absorvido em totalidade ou em parte, ou será eliminado?

O cobre encontra-se combinado com a mesma substancia das ervilhas de conserva, não se encontra o menor vestigio no liquido em que estão banhadas; a agua fervente não pôde separal-o, mesmo depois de certo tempo de contacto.

As conservas de ervilhas, córadas pelo cobre, foram reduzidas a polpa e submettidas durante quarenta horas, depois por espaço de dezoito horas a uma digestão artificial no sulto de pepsina acidulada pelo acido chlorhydrico; no fim d'este tempo o residuo que havia resistido á acção d'este liquido não continha cobre, por ter este metal passado inteiramente em solução. Por este motivo pôde-se suppor que, na digestão estomacal, as ervilhas de conserva abandonam o cobre que passa solvido nos liquido do tubo digestivo; mas a proporção dissolvida depende provavelmente da acidez do succo gastrico, da actividade do fermento pepsina e do espaço de tempo durante o qual se opéra o acto da digestão.

Quando as pequenas doses de cobre são absorvidas pelo estomago, não é jámais descoberto nas urinas, mas encontra-se nos excrementos uma porção consideravel da quantidade absorvida.

Portanto, se uma parte do cobre é absorvida pelo organismo, uma outra parte, é provavelmente a mais consideravel, não é ella eliminada com os excrementos? Isto concorda com

o que se conhece da acção dos preparados ferruginosos e mercuriaes introduzidos no corpo; uma parte parece ser absorvida e localisa-se ao menos temporariamente nos diversos órgãos do corpo, enquanto que uma outra parte é expellida com as dejecções, córadas quer em negro quer em verde.

(*Pharmaceutical Journal.*)

Estudo sobre a transformação do acido salicylico ingerido pelo homem

Pelo sr. dr. Byasson, pharmaceutico

As conclusões principaes d'este trabalho são as seguintes:

1.º O acido salicylico ingerido pelo homem, no estado de salicylato de soda, apparece nas urinas e pôde ser verificado 25 minutos depois da sua administração; uma dôse de 3 grammas elimina-se em 36 a 40 horas com pouca differença.

2.º Na passagem através da sua economia, uma porção do acido salicylico elimina-se na natureza, uma outra porção é transformada em salicina opticamente activa, em acido salicylurico e provavelmente em acido oxalico.

3.º As primeiras urinas emittidas, algumas horas depois da ingestão de 2 ou 3 grammas de salicylato de soda, reduzem-se á esquerda do plano de polarisação; a desviação é devida á salicina produzida.

4.º O salicylato de soda augmenta na urina a proporção das substancias azotadas e a do acido urico.

5.º A salicina ingerida pelo homem elimina-se na natureza e com suas propriedades opticas em algumas horas seguidas á ingestão.

(*Journal de thérapeutique.*)

Sobre a analyse do assucar na urina

Pelo sr. E. Kulz

O auctor observou uma urina que, á experiencia polarimetrica, continha 4,8 a 5,8 por 100 de assucar e, analysada pelo methodo de Trommer (aquecida com soluto alcalino de tar-

tarato de cobre), não deu precipitado de protoxydo de cobre. Esta singular reacção suggeriu-lhe a idéa de diluir primeiramente com agua a urina: 2 gotas sómente para 10 centímetros cubicos de agua. A operação, repetida nas mesmas condições, produziu instantaneamente precipitado de oxydo vermelho de cobre.

O sr. Kulz, para explicar esta differença, é de opinião que as substancias que, na urina não diluida, impedem a precipitação do oxydo de cobre, são paralygadas na sua acção pela forte diluição da urina.

Ácerca d'este assumpto, o sr. Wittstein observa que, nas numerosas analyses de aguas por elle feitas, nunca observára caso algum d'esta anomalia; emprega todavia o processo seguinte: alcalinisa fortemente a urina pelo soluto de potassa, separa pela filtração o precipitado alcalino-terroso formado e aquece primeiro o soluto cupro-alcalino.

(Zeitschrift des osterr. Apoth. Vereines.)

Doseamento da théina no chá

Pelo sr. Markownikoff

Aqueça 15 grammas de chá em pó com 15 grammas de oxydo de magnesio em 500 grammas de agua por espaço de algum tempo, filtre, lave o filtro, evapore o liquido até seccura, depois de haver-lhe ajuntado pequena porção de areia e de magnesia; o residuo secco é tratado a quente pela benzina. Este ultimo liquido abandona a théina pela evaporação á seccura.

Este processo pôde tambem ser empregado no doseamento da théina no café.

(Berichte der deutsch Chem. Gesellsch.)

Purificação do sulfato de zinco

Pelo sr. F. Stolba

Para desembaraçar o sulfato de zinco do ferro e do manganéz é tratál-o pelo permanganato de zinco. Este ultimo sal

é obtido misturando o permanganato de potassa com o silicofluoreto de zinco. O excesso de reactivo colóra o liquido; eleva-se então a temperatura até á ebulição para destruir o excesso de permanganato. O soluto de sulfato de zinco, filtrado e evaporado, produz depois crystaes perfeitamente puros.

(*Pharmaceutical Journal.*)

Purificação do bismutho

Pelo sr. H. Thurach

É difficil obter o bismutho isento de ferro e de prata. A fusão do bismutho com o azotato de potassa não é sufficiente para o tornar livre de ferro; consegue-se tendo o bismutho fundido debaixo do chlorato de potassa associado com 2 a 5 por 100 de seu peso de carbonato de soda. A separação do ferro por via humida é igualmente difficultosa; o ferro é arrastado com o bismutho se forem diluido com agua os solutos de bismutho; o mesmo resultado será obtido se for empregado o zinco ou o hydrogenio sulfurado como agente de precipitação.

Precipitando o soluto de bismutho pelo chromato de potassa, o precipitado não retém o ferro, mas o apartamento do chromo é uma operação complicada.

Ajuntando-se acido oxalico ao soluto de oxydo de bismutho, o precipitado ($\text{Bi}_2\text{O}_3, 3\text{C}^2\text{O}^3 + 15\text{H}_2\text{O}$) não contém ferro; o excesso de acido oxalico dissolve uma parte do precipitado.

O oxalato, depois das lavagens sufficientes, é facilmente decomposto pelo calor e reduzido ao estado metallico.

O sal duplo $2\text{KCl} + \text{BiCl}_3$ permite tambem obter o bismutho isento de ferro.

Não se consegue isolar a prata do bismutho pela via humida, mas sómente no estado de chloreto.

Para o doseamento do bismutho é mais vantajoso precipital-o a quente pelo hydrogenio sulfurado, lavar o precipitado

a quente e, depois de secco, põl-o ao lume n'um cadinho coberto á temperatura de 200 a 300°; então tira-se a tampa e espera-se que a transformação do sulfureto em oxydo seja completa.

(*Journal für praktische Chemie.*)

J. D. CORRÊA.

VARIEDADES

Essencia de cravinho. — Tem sido falsificada com alcool, oleos fixos.

O alcool é reconhecido pelo processo do sr. Borsarelli, o qual é o seguinte: enchem-se dois terços de um tubo de vidro, graduado e fechado em uma das extremidades, com a essencia suspeita, e junta-se a pouco e pouco pequenas porções de chloreto de calcio secco; tapa-se e aquece-se no banho de agua por espaço de quatro a cinco minutos, agita-se o tubo algumas vezes e depois deixa-se esfriar. Se a essencia é pura, a superficie do chloreto não se transfórma; se, pelo contrario, contém alcool, fórma-se uma camada inferior liquida, que é o soluto alcoolico de chloreto de calcio.

O oleo fixo é manifestado pelo alcool, que o deixa como residuo; ou pela potassa ou a soda, que saponificam o mesmo oleo; ou ainda pela agua, no fundo da qual a essencia pura se precipita, enquanto que o oleo fixo sobrenada.

Escamonéa. — O sr. Ebermayer certifica que a escamonéa de Alepo tem sido falsificada com farinha, cinza, cré, areia, carvão e succo de apocyno. Diz mais que deve ser rejeitada a que for em pedaços, densos e não friaveis, e tenha cheiro empyreumatico; a que, solvida na agua, se tornar em geléa pelo resfriamento; a que fornecer bolhas de gaz acido carbonico, quando tratada pelos acidos; finalmente, a que espalhar cheiro de pez quando projectada sobre carvões ardentes.

O sr. Ferrand tem encontrado no commercio escamonéa contendo resina de jalapa, colophonia.

A resina de jalapa é insolúvel no ether, vehiculo ao qual

a boa escamonéa deve ceder approximadamente 80 por 100 do seu peso.

A colophonia, a trituração faz desenvolver o cheiro de terbinthina; o acido sulfurico produz coloração vermelha intensa, em quanto que a escamonéa pura apresenta coloração vinosa.

Oleo de noz moscada.— O sr. Christison diz que este producto tem sido imitado com substancias diversas, e muitas vezes pelo spermacete aromatisado com essencia de noz moscada e córado com açafão, cuja fraude é descoberta pela sua insolubilidade no alcool rectificado e frio.

Resina de guayaco.— O sr. Waltz, visitando as pharmacias do Palatinado, encontrou a resina de guayaco falsificada pelo residuo resinoso proveniente da preparação do acido benzoico por sublimação. Esta resina contém cheiro de benjoim, especialmente quando projectada sobre a lamina de ferro em brasa; tratada pela ammonia liquida, deixa residuo insolavel com todos os caracteres do resinoso acima referido.

A resina de guayaco tambem tem sido adulterada com a colophonia, o que se revela sendo posta em contacto com a ammonia, que lhe solve sómente o guayaco.

Lycopodio.— No commercio tem sido sophisticatedo com talco, areia fina, cré, sulfato de cal, fecula, pó de madeira, etc.

O talco é descoberto triturando uma porção do pó suspeito com agua fria: o lycopodio sobrenada e o talco precipita-se.

A areia, cré, sulfato de cal, reconhece-se, conforme recommenda o sr. Jansen, empregando a calcinação, para lhe destruir a materia organica, e depois submeter este residuo á acção dos respectivos reagentes chimicos.

A fecula, manifesta-se empregando o processo do sr. Legrip: deite, em um pedaço de panno de linho branco, 8 a 10 grammas do lycopodio suspeito, faça um embrulho e ate; ferva depois em agua distillada, durante dez minutos, em ca-

psula de porcellana; filtre o decocto, o qual, depois de frio, dará coloração azul pela tinctura de iodo.

Extracto duro de alcaçú.— Contém muitas vezes fela, farinha, polpa de ameixas, etc.

O sr. Bussy recommenda tratar pela agua fria o extracto suspeito; o extracto puro é completamente solúvel e o falsificado produz deposito pulverulento, que póde ser lavado e depois analysado pela agua iodada.

Cyaneto de potassio.— Altera-se facilmente ao contacto do ar, formando-se carbonato de potassa, que se conhece pela effervescencia que lhe produz os acidos, o que não acontece com o cyaneto no estado de pureza.

É um preparado delicado, difficil, irregular; o estado amorpho (massa fundida), sob o qual se vende ordinariamente, presta-se muito á falsificação. Para obviar estes inconvenientes, os srs. Fordos e Gélis apresentam o modo de analysar o cyaneto de potassio: o processo é a applicação do methodo de volumes, devido a Descroizilles e modificado por Gay-Lussac, que assenta sobre a propriedade que possui o soluto de cyaneto de potassio de descórar o soluto de iodo no alcool ou no iodeto de potassio.

Essencia de aniz.— O sr. Dubail tem encontrado essencia composta de 5 partes de essencia de aniz, 10 partes de essencia de sabão, 85 partes de alcool a 34° ou 35°.

O sr. A. Chevallier teve occasião de analysar uma essencia de aniz, composta de 5 partes de essencia, 10 partes de sabão animal com a base de soda, e 85 partes de alcool a 35°.

O sr. Procter reconheceu a falsificação de uma essencia de aniz, vendida de New-York, contendo mais de 80 por 100 de alcool.

O sr. Boutereau diz que a crystallisação da essencia de aniz não é por modo nenhum indicio da sua pureza, poisque as misturas, em diversas proporções d'esta substancia com o alcool a 96°, crystallisam com os caracteres mui semelhantes da essencia pura.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Extracto das actas das sessões litterarias

Sessão de 8 de janeiro de 1878

Presidencia do sr. Joaquim Urbano da Veiga

Abriu-se a sessão pelas sete horas da noite.

Leu-se a acta da sessão antecedente, que foi approvada.

O sr. *primeiro secretario* leu a lista dos objectos doados e deu conta da correspondencia, que teve o competente destino.

O sr. *Delicioso* apresentou e leu o parecer da commissão de direito pharmaceutico sobre a proposta do sr. José Dionysio Corrêa, ácerca da lei de saude. — Ficou para segunda leitura.

O sr. *presidente* disse que desejava chamar a attenção da sociedade sobre uma questão de interesse profissional.

Disse que tinha recebido cartas de varios socios da provincia e de Lisboa, perguntando-lhe o que deveria fazer o pharmaceutico para marcar o preço das receitas, em quanto não saísse o novo regimento, visto que o antigo não podia servir depois que a nova pharmacopéa estava em vigor.

Comquanto a sua opinião fosse clara e positiva a esse respeito, pois que sempre entendeu desnecessario e vexatorio um regimento imposto pela auctoridade, parecendo-lhe por isso que o pharmaceutico estava no seu plenissimo direito de fazer os preços como entendesse, não queria comtudo deixar de consultar a sociedade sobre este ponto, pois que na sua qualidade de pharmaceutico não estabelecido não tinha a pretensão de impor a sua opinião aos seus collegas estabelecidos, *maxime* em assumptos em que elles eram os unicos interessados.

Suscitou-se animada discussão sobre este assumpto, sendo por fim approvada uma proposta do sr. Tedeschi, para que fosse convocada a sociedade para uma sessão extraordinaria

e que nos avisos se declarasse que era expressamente destinada para a discussão d'este objecto.

Não havendo mais a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão dando para ordem do dia da immediata: propostas, discussão dos pareceres, sobre a lei de saude e sobre a eleição dos socios benemeritos, e segundas leituras. Eram onze horas da noite. — O segundo secretario, *João de Jesus Pires*.

Sessão de 18 de fevereiro de 1878

Presidencia do sr. Joaquim Urbano da Veiga

Foi lida e approvada a acta da anterior sessão.

O sr. *primeiro secretario* procedeu em seguida á leitura da

Correspondencia

Officios: — 1.º Do sr. Antonio José Rodrigues Barbosa, nosso delegado em Ponte de Lima, referindo-se a umas analyses de aguas mineraes, a assumptos de thesouraria, e informando a sociedade sobre abusos de policia pharmaceutica. — Inteirada.

2.º Do sr. Domingos Antonio Pitta Simões, dirigindo uma consulta á sociedade e solicitando o seu parecer. — Foi remettida á commissão de pharmacia.

3.º Da procuradoria regia da relação de Lisboa, pedindo á sociedade o seu laboratorio para á analyse das visceras do marquez de Castello Melhor. — Concedido.

Terminada a leitura da correspondencia, o sr. Felix Ferreira, primeiro secretario, apresentou e offereceu á sociedade um officio acompanhado de uma estatistica obituarial de todos os pharmaceuticos fallecidos em Lisboa, durante a ultima metade d'este seculo, trabalho que a sociedade muito louvou e agradeceu e devido á louvavel actividade do ex.^{mo} sr. Domingos Lucio Monteiro, pharmaceutico estabelecido em Lisboa.

O sr. *presidente* consultou a sociedade sobre se deveria ou não ser publicado aquelle trabalho.

O sr. *Corrêa* disse que no nosso jornal existia a noticia da morte dos nossos fallecidos collegas, e que lhe parecia de pouca utilidade a sua publicação.

O sr. *Sousa Telles* lembrou a utilidade que sempre ha em aproveitar tudo quanto possa interessar á historia da pharmacia; e tanto mais que era esta tentativa um poderoso estimulo para o proseguimento em trabalhos d'esta ordem.

O sr. *Tedeschi* mostrou desejos pela publicação d'este trabalho, porém que se pedisse ao seu auctor para a ampliar e completar.

O sr. *presidente* encarregou então, por pedido da sociedade, o sr. Felix Ferreira de pedir ao sr. Monteiro de completar aquelle trabalho indicando a data da morte, local e natureza da doença.

Segundas leituras

Teve segunda leitura uma proposta do sr. Corrêa em relação a ser modificado o numero das sessões.

O sr. *presidente*, depois de algumas considerações, poz este assumpto á discussão.

O sr. *Tedeschi* impugnou a proposta, demonstrando a inconveniencia de tal pratica.

Posta á votação foi rejeitada.

Teve tambem segunda leitura e entrou em discussão o parecer da commissão de direito pharmaceutico sobre a proposta do sr. Corrêa para socios benemeritos. Foi unanimemente approvada, referindo-se todos os socios com muito louvor aos serviços prestados pelos dignos membros da commissão que fez a *Pharmacopéa portugueza* e que são objecto da proposta e do parecer seguinte:

Senhores:—Desde a sua installação até 1871 occupou-se a sociedade, repetidas vezes, da falta de uma pharmacopéa que estivesse á altura dos fins para que é destinada. Nas actas das nossas sessões estão registradas as propostas dos nossos consocios, as opiniões e pareceres apresentados nas discussões,

e bem assim as representações feitas em diversas epochas ao governo de Sua Magestade.

Tantas e tão repetidas foram as nossas supplicas, acompanhadas das igualmente feitas pela benemerita sociedade das sciencias medicas de Lisboa, que o governo, annuindo ás instancias das associações scientificas e pessoas competentes e zelosas do bem publico, por decreto de 15 de novembro de 1871 nomeou uma commissão para elaborar e propôr um projecto de pharmacopéa.

Havendo a commissão concluido os seus trabalhos, foram estes submittidos á apreciação do governo em 16 de agosto de 1876.

Por decreto de 14 de setembro de 1876 foi approvedo o projecto de pharmacopéa, sob a denominação de *Pharmacopéa portugueza*, elaborado pela dita commissão, ponderando-se que, no mesmo projecto, *estão convenientemente consideradas e aproveitadas as indicações das sciencias applicaveis no seu progressivo desenvolvimento, o que torna esta obra recommendavel para o ensino e pratica da pharmacia em harmonia com as exigencias da epocha.*

Por decreto de 28 de junho do presente anno, o governo dá por dissolvida a referida commissão, e louva os seus voaes pelo *distincto zélo e incontestavel competencia scientifica, de que deram provas, no desempenho do difficil e utilissimo trabalho que levaram a cabo, e com o qual illustraram os seus nomes e honraram o paiz.*

O que poderei eu acrescentar ao que fica exposto nos dois decretos que acima deixo citados?

Quem deixará de louvar e de agradecer um trabalho tão difficil e tão digno, o da nossa *Pharmacopéa portugueza*, a qual, na minha humilde opinião, considero a primeira entre nós que mais aperfeiçoa e uniformisa o exercicio da pharmacia, pela observancia das melhores regras de pharmacotechnia, com os mais avançados descobrimentos da chimica e as mais auctorizadas indagações da historia natural?

Em presença do que deixo exposto, tenho a honra de apre-

sentar, como addicionamento á proposta feita hoje pelo nosso consocio o sr. Alfredo Machado, o seguinte:

1.º Que seja consignado na acta, como demonstração de apreço d'esta sociedade, um voto de louvor e de agradecimento ao governo de Sua Magestade, pelos decretos de 15 de novembro de 1871 e 14 de setembro de 1876, e bem assim a todos os vogaes da commissão que elaborára e propozera o projecto da *Pharmacopéa portugueza*.

2.º Que a sociedade eleja para membros benemeritos, o ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio, ministro d'estado honorario, e todos os vogaes da commissão da nova pharmacopéa que ainda não tenham aquelle titulo.

Sala das sessões, em 12 de julho de 1877.—O membro benemerito effectivo, *José Dionysio Corrêa*.

Senhores:—Com a data de 9 de agosto, foi mandada á commissão de direito pharmaceutico uma proposta do nosso illustrado collega, o ex.^{mo} sr. José Dionysio Corrêa, a qual tem a data de 12 de julho d'este anno, tendente a elevar á dignidade de membros benemeritos os vogaes da commissão, que redigira e publicára a nova *Pharmacopéa portugueza*, que ainda não fizessem parte d'esta classe de socios, e bem assim o ex.^{mo} conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio, ministro do reino, que attendeu ás supplicas d'esta sociedade, mandando redigir e publicar a mesma pharmacopéa pela referida commissão.

Os individuos, que estão comprehendidos na proposta do sr. Corrêa, por ainda não fazerem parte d'esta sociedade, são o conselheiro Antonio Rodrigues Sampaio, ministro que decretou a nomeação da commissão da pharmacopéa, e Carlos May Figueira, medico pela universidade de Coimbra, lente de clinica medica da escola medico-cirurgica de Lisboa, medico da real camara, e clinico bem conhecido nos hospitaes e n'esta cidade. Além d'estes comprehende a proposta os drs. Francisco José da Cunha Vianna, Claudino José Vicente Leitão, Joaquim Urbano da Veiga, Agostinho Vicente Louren-

ço, Antonio Augusto d'Aguiar e Pedro José da Silva, que já pertencem ao quadro d'esta sociedade na classe de honorários. Não podendo a proposta comprehender os outros membros da commissão da pharmacopêa, Sousa Martins, Azevedo e Tedeschi por já serem membros na classe de benemeritos.

Esta honrosa distincção, senhores, é bem merecida, attendendo, em quanto ao primeiro proposto, a ter sido o ministro, que resolveu um problema, que todos os seus antecessores julgaram impossivel, e que o fez com grande applauso das classes pharmaceutica e medica; em quanto aos sete seguintes pelo modo honroso como se desempenharam de tão ardua e difficil commissão, tendo merecido extraordinarios elogios, não sómente das estações officiaes, mas até mesmo da imprensa nacional, e, o que mais é de admirar, da estrangeira, em cujo numero se tem tornado muito notavel o jornalismo medico hespanhol.

A sociedade de certo não deixaria de contemplar com igual honraria os restantes membros da commissão da pharmacopêa, se os não contasse já no numero de seus membros benemeritos.

O juizo critico, todo favoravel e laudatorio, que tem sido feito á pharmacopêa, assim no paiz como no estrangeiro, e que esta commissão de direito pharmaceutico gostosamente abraça, por ver n'elle uma honra para o paiz, e a bem conhecida probidade de todos os propostos, bem assim sua bem fundada fama de homens de sciencia, levou esta commissão ao accordo de que devia aconselhar a sociedade a que approvasse a proposta em questão. A sociedade resolverá, porém, como melhor julgar.

Lisboa e sala da commissão, em 22 de dezembro de 1877.—O director, *José Tedeschi*—Os vogaes, *Augusto de Oliveira Abreu*—*João Francisco Delicioso*.

Em seguida foi concedida a palavra ao sr. Corrêa que, propoz o voto de louvor ao governo e á commissão da pharmacopêa actualmente em vigor.

Motivando a sua proposta, o sr. Corrêa disse que a sociedade sinceramente agradecida para com o governo de Sua Magestade, cujo ministro do reino era o ex.^{mo} sr. Antonio Rodrigues Sampaio, tinha a mais entusiastica satisfação pela aprovação da sua proposta, que ao mesmo ex.^{mo} sr. ministro devia a sociedade a realização de um empenho tantas vezes manifestado e tantas vezes baldado.

Abandonadas por todos os governos as justas pretensões da sociedade, tinham uma vez achado echo no animo de s. ex.^a, já decretando a publicação de uma pharmacopêa, já consultando a sociedade sobre assumptos do seu verdadeiro interesse.

Sob proposta do sr. Tedeschi foi admittido socio correspondente o sr. Julio Carlos Gonçalves, Loures.

O sr. *Cunha* pediu que fosse lançado na acta um voto de sentimento pela morte do sr. Lazaro, nosso digno socio. — Assim se resolveu.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente deu para ordem da noite da sessão seguinte, propostas, pareceres de commissões e segundas leituras. — O segundo secretario, *João de Jesus Pires*.

PHARMACIA

Elixir antiasthmatico

Pelo sr. Trousseau

Polygala de Virginia 5 gram.

Infunda em:

Agua 100 »

Filtre e ajunte:

Iodeto de potassio 10 »

Agua-ardente antiga 50 »

Xarope diacodio 30 »

Nos casos de asthma essencial, administra-se duas vezes por dia, uma hora antes das comidas, uma colher das de sopa d'este soluto diluido em tres ou quatro colheres de agua as-sucarada.

Durante os accessos pôde-se dar a tinctura de lobelia inflada, na dóse de vinte a trinta gotas, de meia em meia hora; fazer respirar chloroformio, tocar a pharynge com ammonia diluida em agua.

Nos casos de não produzirem effeito estes remedios, experimente-se o soluto de arseniato de soda de Trousseau.

Agua-ardente antiarthritica

Pelo sr. Graves

Casca de laranja azeda	60 gram.
Rhuibarbo	30 »
Aloès	60 »
Canella	60 »
Agua-ardente	1:000 »

Macere por oito dias e filtre.

Este medicamento é aconselhado contra a gotta e o rheumatismo, na dóse de uma colher das de sopa, de manhã e de tarde. Administra-se ordinariamente diluida em determinada quantidade de agua.

Injecção antiblennorrhagica

Pelo sr. Bligh

Brometo de potassio	6 gram.
Glycerina	10 »
Agua distillada	150 »

F. s. a. soluto para injecções de quatro em quatro horas.

O auctor prescreve esta injecção, não sómente para a blennorrhagia chronica ou sub-aguda, senão tambem no periodo inflammatorio agudo. Demais, este methodo de tratamento não omitta os meios accessorios, taes como o regimen, emprego de bebidas emollientes, o uso do suspensorio e das injecções adstringentes, no ultimo periodo da doença.

Clyster de aloès

Pelo sr. dr. Gallois

Aloès barbadense.....	2,5 gram.
Carbonato de potassa.....	1,0 »
Cozimento de amido.....	300,0 »

Solva. Este clyster é aconselhado para expellir as ascari-
das do recto e determinar o effeito purgativo nas mulheres,
cuja constipação coincide com a amenorrhêa.

Pilulas antibiliosas

Pelo sr. Copland

Extracto de colocintidas composto	2,50 gram.
Ipecacuanha em pó.....	0,40 »
Sabão medicinal.....	0,60 »
Extracto de meimendro.....	1,80 »

F. s. a. 18 pilulas.

São aconselhadas na dôse de uma a duas, na occasião de
se deitar, como laxativas e antibiliosas.

Mistura antidyspeptica

Pelo sr. Dalpiaz

Infuso de casca de laranja azeda (5 gram.).....	125 gram.
Bicarbonato de soda.....	2 »
Tinctura de rhuibarbo.....	2 »
Tinctura de cascarilha.....	10 »
Xarope simples.....	30 »

F. s. a. Uma colher das de sopa, de duas em duas horas.
Esta mistura dá bom resultado no embaraço gastrico simples;
no dia seguinte administra-se um vomitivo.

Injecção adstringente

Pelo sr. Reece

Sulfato de alumina e de potassa	4 gram.
Acetato de chumbo crystallizado	1 »
Agua distillada	180 »

Solva. Tres injecções por dia na blennorrhagia, quando o corrimento é esverdeado e que tenham abrandado, pelas bebidas emollientes, as dôres da micção.

Pó alterante

Pelo sr. Cline

Salsa parrilha em pó	16 gram.
Quina em pó	6 »
Carbonato de soda em pó	4 »

Misture e divida em oito dôses.

Administra-se uma dôse por dia, nas doenças cutaneas rebeldes.

Pó amargo digestivo

Hospitaes de Londres

Camomilla em pó	16 gram.
Rhuibarbo em pó	8 »
Gengibre em pó	8 »

Misture e divida em 16 dôses.

Administra-se uma dôse por dia, uma hora antes ou depois da comida, para excitar o appetite e facilitar as digestões.

Poção antiacida

Pelo sr. Pierry

Bicarbonato de soda	6 gram.
Agua distillada	30 »
Xarope de flor de laranjeira	30 »
Essencia de aniz	1 gota

F. s. a. Para tomar por uma vez, contra a pyrosis. Se a doença reincide no mesmo dia, renova-se o uso da poção.

Poção anthelmintica

Pelo sr. Jaccoud

Alga de Corsega	20 gram.
Santonico.....	10 »
Xarope de artemisia composto	60 »
Leite.....	125 »

Infunda as duas primeiras substancias no leite e ajunte o xarope.

Administra-se de manhã, em jejum, para provocar a expulsão da ascarida lombricoide.

Poção antiasthmatica

Pelo sr. Leclerc

Lobelia inflada.....	6 gram.
Agua fervente	190 »
Xarope simples	30 »

F. s. a. Para tomar ás colhêres das de sopa durante o accesso da asthma.

Poção antiblennorrhagica

Pelo sr. Langlebert

Agua de copahiba	300 gram.
Agua de loureiro-cerejeira.....	10 »
Xarope simples	q. b.

Misture. Para administrar no espaço de um ou dois dias, aos doentes que não podêrem supportar a opiata de copahiba e cùbebas.

Tinctura amarga estomachica

Pelo sr. Beasley

Rhuibarbo contuso.....	60 gram.
Genciana contusa.....	15 »
Alcool	1:000 »

Digira por oito dias e filtre.

Administra-se na dôse de uma ou duas colhêres das de café, em agua ou em infuso de café, para excitar o appetite e facilitar a digestão.

J. D. CORRÊA.

Preparação dos extractos sem intervenção de calor

Nos jornaes belgas e francezes lêmos a noticia d'este novo processo, proposto pelo seu inventor, mr. Alph. Herrera, no *American Journal of Pharmacy*. É a applicação da propriedade já conhecida das soluções aquosas, de se concentrarem pela congelação, que M. Herrera teve a feliz idéa de aproveitar para obter os extractos dos succos ou dos solutos extractivos. Para isto introduz o liquido (succo ou soluto) n'um apparelho congelador e serve-se de uma mistura de gelo e sal marinho ou de gelo e chloreto de calcio para produzir o frio; quando uma boa parte do liquido está congelada espreme n'uma prensa a massa envolvida n'um panno, quebra o residuo e espreme-o de novo para separar quanto seja possível o que chama — *licor mãe*; repete duas ou tres vezes a congelação e a espressão para concentrar ainda o *licor mãe*, mas tem o cuidado de não concentrar a ponto de se separarem os principios menos soluveis que ficariam então, com prejuizo do extracto, envolvidos na massa congelada. O *licor mãe* assim obtido espalha-o em pratos e expõe-o ao calor do sol ou ao de uma estufa aquecida a 30° até que tenha consistencia de extracto.

Os extractos dos succos vegetaes não depurados, diz o auctor, conservam o cheiro, o sabor e a actividade da planta de que procederam; a albumina do succo fica no extracto e ahí conserva a sua solubilidade; dissolvidos na agua representam exactamente o succo.

Os solutos extrativos obtidos por infusão, decocção, digestão, etc., concentrados pelo frio, dão extractos muito superiores aos que se obtêm pela concentração a banho-maria.

O extracto de ratanhia é completamente soluvel na agua, e conserva a côr vermelha e adstringencia caracteristicas; o mesmo succede com os outros extractos, que a acção combinado do ar e do calor altera diminuindo-lhes a solubilidade, e entre estes faz-se especial menção dos que contêm tannino, que são de superior qualidade concentrados pelo frio.

O leite assim concentrado e secco depois por evaporação expondo-o ao calor do sol reproduz, quando é dissolvido em agua o leite primitivo com todas as suas propriedades.

O auctor propõe que aos succos extractivos concentrados por estes processo se dê o nome de opopycnoleos (em grego-succo concentrado).

A. A. FELIX FERREIRA.

CHIMICA

Processo para descobrir pequenas quantidades de morphina

Pelo sr. Pellagri

A substancia que se pretender analysar será secca, se for necessario, dissolvida no acido chlorhydrico concentrado e, depois de lhe adicionar pequena quantidade de acido sulfurico puro, evaporada em banho de oleo a 100 ou 120°.

Fôrma-se então, em presença da morphina, coloração purpura, que é ainda distinctamente reconhecivel, mesmo em presença de substancias que se carbonisam pelo calor.

Depois de evaporado o acido chlorhydrico ajunta-se-lhe nova quantidade, neutralisa-se com bicarbonato de soda; então apparece a côr violeta, que não muda ao ar e cuja materia córante não cede nada ao ether.

Pela addição de algumas gotas de soluto de iodo no hydrogenio iodado, a côr violeta passa a verde, cuja materia é então solúvel no ether e colora-se em purpura. Esta reacção é devida á formação de apomorphina.

A codéina apresenta as mesmas reacções, mas este alcaloide pôde ser separado da morphina pelo ether. A brucina, tratada do mesmo modo, produz, pela neutralisação com bicarbonato de soda, coloração azul, que muda para vermelho pela addição de iodo. Esta ultima reacção não é todavia muito sensível.

(*Bull. de la Soc. royale de pharm. de Bruxelles.*)

Pesquisa do pigmento biliar na urina**Pelo sr. R. Ultzmann**

Para se reconhecer pequeno vestigio de pigmento biliar na urina, ajunta-se-lhe 3 ou 4^{cc} de lixivia caustica de potassa (1 p. de potassa e 3 p. de agua), depois acido chlorhydrico até perfeita neutralisação do alcali. Manifesta-se pela coloração verde-esmeralda.

(*Pharm. Zeitschrift für Russland.*)

Modo simples de reconhecer a presença da fuchsina nos vinhos, succos de fructos e xaropes córados por esta substancia**Pelo sr. Fluckiger**

Tem-se observado, quando se dilue o soluto de fuchsina com agua, até que elle obtenha côr vermelha fraca, esta côr tornar-se mais carregada pela addição de agua chlorada e, ajuntando-lhe soluto tambem diluido de bromo, produzir côr violeta. A côr natural do vinho e das framboezas, pelo contrario, é immediatamente destruida pelo bromo e o chloro.

Póde-se d'esta maneira facilmente descobrir a fuchsina no vinho e no xarope de framboezas, quando se lhe ajunte um d'estes dois reagentes. O comestivel não falsificado torna-se amarello-pallido, enquanto que augmenta de côr em presença da fuchsina. A fraca resistencia das materias córantes dos fructos, na presença do chloro e do bromo, muda tanto mais facilmente á vista quando se considera que supportam bem o acido azotico de 1,20 p. esp.

(*Tydsch. voor de pharm. in Nerderland.*)

Pesquisa do acido tartarico no acido citrico**Pelo sr. Allen**

Ao soluto de 2 grammas de acido citrico, em 45^{cc} de alcool, ajunta-se 5^{cc} de soluto saturado a frio de acetato de po-

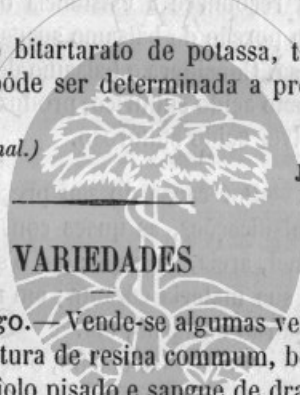
tassa no alcool e deixa-se repousar a mistura durante doze horas. O precipitado será recebido sobre um filtro lavado com alcool, depois separado do filtro por meio do soluto saturado a frio de bitartarato de potassa na agua; por fim, depois de algumas horas de digestão n'este liquido frio, deita-se sobre o filtro, lava-se com alcool e solve-se na agua fervente.

Este ultimo liquido será evaporado e o residuo pesado. Multiplicando-se o seu peso por 0,798 grammas, obtem-se o peso do acido tartarico contido em 2 grammas do acido citrico.

Carbonisando-se o bitartarato de potassa, transforma-se em carbonato, que pôde ser determinada a proporção pelo ensaio volumetrico.

(Pharmaceutical Journal.)

J. D. CORRÊA.



VARIEDADES

Sangue de drago.— Vende-se algumas vezes, por sangue de drago, a mistura de resina commum, bôlo armenio, colcothar, sandalo, tijolo pisado e sangue de drago; tambem se vende uma imitação feita com mucilagem de gomma arábica ou de gomma do paiz, córada pelo pau fernambuco e evaporada até á consistencia propria.

O falso sangue de drago arde facilmente até á extincção da materia organica, deixando cinza branca e ligeiramente alcalina; o verdadeiro sangue de drago arde tambem, mas apaga-se por si mesmo e deixa cinza não alcalina contendo vestigios de ferro.

Para analysar o sangue de drago, o sr. Pommier indica o processo seguinte: trate 1 gramma do sangue de drago suspeito por 10 grammas de alcool a 33°; na metade do soluto alcoolico deite acetato de chumbo neutro, que dará precipitado vermelho-tijolo se o sangue é puro; a outra metade do soluto será evaporada á secura e solvida pelo hydrato de potassa, e se, não apresentando alteração de côr, ennegrecer

pela adição de algumas gotas de acido sulfurico, o sangue é de boa qualidade.

Balsamo de Tolú.— É algumas vezes falsificado pela terebinthina, colophonia e outras resinas.

O sr. Geiger diz que o balsamo deve solver-se facilmente no alcool e no ether, ceder pela sublimação os acidos cinnamico e benzoico, espalhar cheiro de cravo da India quando solvido em lixivia alcalina.

O sr. Ulex reconhece a existencia das resinas estranhas, deitando uma porção do balsamo suspeito sobre a lamina de ferro em brasa. Considera o balsamo de boa qualidade quando, tratado pelo acido sulfurico, produzir coloração vermelha sem desenvolver acido sulfuroso.

Açafrão.— Por causa do seu preço elevado, é sujeito a numerosas falsificações, as quaes consistem em ajuntar-lhe agua, oleo, mel, areia, chumbo; em o substituir pelo açafrão exausto de sua materia corante; em misturar-lhe flores de açafrão ou açafrão bastardo, etc.

Conforme o sr. Stanislas-Martin, o açafrão humedecido conhece-se pela nodoa que produz nos dedos e no papel, o que não acontece com o açafrão não molhado; o açafrão oleoso mancha o papel em que esteja embrulhado; o que tiver mel cede-o facilmente á agua; a areia e o chumbo separam-se agitando o açafrão sobre o tamis de crina com malhas largas; o açafrão exausto de materia corante tem pouco ou nenhum cheiro, a sua cor perdida, ou apenas amarellece a saliva; o que tiver de mistura as flores de açafrão, póde ser reconhecido examinando-o ao microscopio ou fazendo-o macerar na agua, porque o verdadeiro açafrão apresenta os estigmas tripartidos, emquanto que as flores de açafrão são compostas de corolla tubulada dividida superiormente em cinco dentes contendo cinco estames unidos pelas suas antheras.

Sabina.— O sr. Ebermayer diz que as folhas têm sido substituidas com as do *Juniperus bermudiana*; mas existem

diferenças entre estas especies de folhas, cujos ramos são cobertos de casca amarella-atrigueirada.

Caixa de reactivos.— Os srs. Chevallier e Baudrimont recommendam a seguinte lista dos reactivos chimicos mais repetidas vezes necessarios e a dos de uso menos frequente.

- | | |
|-------------------------------|------------------------------|
| 1. Agua chlorada. | 21. Cyaneto de potassio. |
| 2. Acido sulphydrico. | 22. Cyaneto amarello. |
| 3. Acido chlorhydrico. | 23. Cyaneto vermelho. |
| 4. Acido azotico. | 24. Azotato mercurioso. |
| 5. Acido sulfuroso. | 25. Azotato de prata. |
| 6. Acido sulfurico. | 26. Sulfato de soda. |
| 7. Acido oxalico. | 27. Sulfato de magnesia. |
| 8. Acido tartarico. | 28. Sulfato ferroso. |
| 9. Hydrato de potassa. | 29. Sulfato de cobre. |
| 10. Ammonia liquida. | 30. Carbonato de ammonia. |
| 11. Agua de cal. | 31. Carbonato de soda. |
| 12. Sulphydrato de ammonia. | 32. Oxalato de ammonia. |
| 13. Chlorhydrato de ammonia. | 33. Phosphato de soda. |
| 14. Chloreto de bario. | 34. Arseniato de soda. |
| 15. Perchloreto de ferro. | 35. Chromato de potassa. |
| 16. Protochloreto de estanho. | 36. Acetato de chumbo. |
| 17. Bichloreto de mercurio. | 37. Tinctura de tornasol. |
| 18. Bichloreto de platina. | 38. Agua amidonada. |
| 19. Trichloreto de oiro. | 39. Alcool. |
| 20. Iodeto de potassio. | 40. Permanganato de potassa. |

Os reactivos mencionados em segundo logar e de menos uso que os precedentes, que convém ter á disposição, são os seguintes :

- | | |
|------------------------------|-----------------------------|
| 1. Agua bromada. | 7. Sulfato de alumina. |
| 2. Acido fluossilicico. | 8. Azotato de palladio. |
| 3. Agua de barita. | 9. Molybdato de ammonia. |
| 4. Chloreto de calcio. | 10. Nitroprussiato de soda. |
| 5. Sulfocyaneto de potassio. | 11. Tinctura de sabão. |
| 6. Bicarbonato de soda. | |

Carbonato de ferro.— Quasi sempre retém carbonato ferroso.

Para se lhe determinar a proporção, o sr. Norbert Gilé manda dissolver 2 grammas, por exemplo, de carbonato em um excesso de acido chlorhydrico puro, deitar no soluto claro

o cyaneto vermelho, que não precipita o perchloreto de ferro e dá com o protochloreto precipitado de azul de Prussia, cuja quantidade faz conhecer, pelo calculo dos equivalentes, a proporção do protoxydo de ferro contido no carbonato.

Ambar.— É algumas vezes falsificado com colophonia.

O sr. Ebermayer indica a maneira de reconhecer esta fraude: 31 grammas de ambar suspeito, posto em contacto com 125 grammas de alcool, durante seis horas e agitando repetidas vezes, tem produzido soluto alcoolico que, pela evaporação, deixa residuo de colophonia, representando a sexta parte do ambar tratado.

Ratania.— Segundo o sr. Martiny, tem-se misturado á verdadeira raiz de ratania a que não pertence ao genero *krameria*, raiz dura e da grossura de 0^m,002 a 0^m,030.

Sassafrás.— O sr. Hahnemann diz ter encontrado algumas vezes, entre o lenho do verdadeiro sassafrás, pedaços com textura mais densa e mais solida, com o cheiro de aniz, que devem ser rejeitados como inactivos.

Escola de medicina e de pharmacia de Tours.— O sr. Dupont foi nomeado lente substituto das cadeiras de chimica e de historia natural e chefe dos trabalhos chimicos da dita escola.

Sentenças judiciais em França.— No tribunal correccional de Montpellier, e audiencia de 20 de junho de 1877, foi condemnada em 25 francos de multa e nas custas M.^{mo} Chiarini, de Calvisson (Gard), pela venda de elixir vermifugo, emplastros, etc.

Noticia importante.— O *Diario de noticias* de 8 de outubro de 1877, informa que matriculou-se, na cadeira de mathematica do lyceu de Lisboa, a sr.^a D. Maria Clara da Silva Guimarães, que se dedica ao estudo pharmaceutico.

Escola de medicina e de pharmacia de Poitiers.— O sr. Jouteau, pharmaceutico, foi nomeado lente

substituto das cadeiras de chimica, pharmacia e historia natural.

Escola de medicina e de pharmacia de Limoges.— O sr. Pillault, pharmaceutico, foi encarregado provisoriamente das funcções de lente substituto das cadeiras de chimica, pharmacia, materia medica e historia natural.

Faculdade de medicina e de pharmacia de Lille.— O sr. Machelart, pharmaceutico, foi nomeado preparador de chimica mineral.

Escola de medicina e de pharmacia de Marseille.— Foram nomeados lentes substitutos das cadeiras de sciencias naturaes: os srs. Bouisson, doutor em medicina e licenciado em sciencias naturaes; Caillol, pharmaceutico e licenciado em sciencias physicas.

Escola superior de pharmacia de Paris.— M.^{me} Buignet offereceu á escola o rendimento de 1:000 francos, destinado para estabelecer um premio annual de manipulações de physica.

Escola de pharmacia de Nancy.— O sr. Delcominête, pharmaceutico, foi auctorizado a fazer um curso complementar de pharmacia galenica.

O sr. Bleicher foi nomeado lente de historia natural, e o sr. Descamps lente de pharmacia.

Hospitaes civis de Paris.— O sr. E. Baudrimont foi nomeado director da pharmacia central.

Oleo de figado de bacalhau.— Tem sido falsificado com oleos de outros peixes, oleos vegetaes iodados.

O sr. Boudard tem empregado o acido azotico puro e fumante. O oleo puro, em contacto com este acido, adquire a coloração rosa, a qual não se manifesta contendo outros oleos de mistura.

O sr. Cailletet serve-se, para o mesmo fim, da mistura de 12 partes de acido phosphorico a 45°, 7 partes de acido sulfurico a 66°, e 10 partes de acido azotico a 40°: 1^{cc} d'esta

mistura, agitada durante alguns segundos com 5^{cc} de oleo, depois com 5^{cc} de benzina, que dissolve o oleo, apresenta, depois de vinte e quatro horas, coloração amarella decisiva para os oleos descórados, alambreados e loiros; todos os outros oleos de peixe coloram-se em escuro intenso, e o de arraia conserva a côr vermelha invariavel.

Emquanto aos oleos vegetaes, iodados artificialmente, não podem ser confundidos com o oleo de figado de bacalhau legitimo; a densidade, o chloro, o acido sulfurico, etc., tornam a distincção facil.

Essencia de terebinthina.— A do commercio contém sempre uma pouca de resina; para os usos pharmaceuticos e para a limpeza dos estofos deve ser purificada pela distillação. O sr. Mathieu diz que tambem pôde ser purificada, agitando-a vivamente com 2 por 100 de acido sulfurico a 66°, deixando-a precipitar e proceder á decantação; ajuntar depois á parte decantada pequena porção de carbonato de cal, a fim de neutralisar o acido e submittê-la á distillação.

Acido cyanhydrico normal.— É algumas vezes substituido pela agua concentrada de amendoas amargas.

O sr. Giovanni Righini indica o meio de reconhecer esta fraude, o qual consiste em deitar um pouco do acido suspeito em uma fiola, que será depois aquecida no banho de agua, tendo no gargalo uma faixa de papel azul de tornsol; á medida que o acido ensaiado se vae aquecendo ligeiramente, o acido cyanhydrico desenvolve-se e faz tornar-se vermelho o papel, o que não acontece quando o producto consiste sómente em agua de amendoas amargas.

O sr. Baudrimont prefere deitar-se no liquido um excesso de soluto de azotato de prata; este attrahe o acido cyanhydrico no estado de cyaneto de prata insolavel, roubando ao liquido todo o seu cheiro cyanhydrico se elle não contém agua de amendoas amargas, porque, n'este caso, o cheiro persistirá.

J. D. CORRÊA.

PEÇAS OFFICIAES

Extracto das actas das sessões litterarias

Sessão de 12 de março de 1878

Presidencia do sr. J. U. da Veiga

A sessão abriu-se ás sete horas da tarde.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* fez a leitura da correspondencia, e deu conta dos objectos doados.

Ordem do dia

O sr. *Corrêa* mandou para a mesa uma proposta de candidatos para membros benemeritos e honorarios, sendo remettida para a commissão de direito pharmaceutico, para sobre ella emitir o respectivo parecer.

O sr. *presidente* apresentou tambem uma proposta para membro correspondente estrangeiro.

Em seguida o sr. Roberto pediu explicações, relativas a uma proposta do sr. Tedeschi.

A mesa informou que esta proposta estava em poder de uma commissão que a sociedade para esse fim nomeára.

Ficou encarregado o sr. Felix Ferreira de em nome da sociedade solicitar d'esta commissão o respectivo parecer.

O sr. *presidente*, referindo-se a um parecer da commissão de direito pharmaceutico, relativo a uma proposta do sr. Corrêa, sobre lei de saude, fez varios considerandos, que a sociedade tomou em consideração, resolvendo que fosse creada uma commissão especial encarregada de estudar aquella lei e propor as bases para a sua reforma.

Não havendo mais nada a tratar o sr. presidente encerrou a sessão dando para ordem do dia da sessão seguinte: eleição de uma commissão para elaborar um projecto de reforma da lei de saude, na parte relativa á pharmacia, propostas, pareceres de commissões e segundas leituras.

Eram dez horas da noite.—O segundo secretario, *João de Jesus Pires*.

SAUDE PUBLICA

Chá da China

Pelo sr. E. Colin, pharmaceutico

O chá é a folha desseccada do arbusto sempre verde (*Thea chinensis*) da familia das ternstreмиaceas, que cresce naturalmente na China e no Japão.

O arbusto do chá é o objecto da cultura mais importante na Cochinchina, na Coréa, nas ilhas de Lieou-Tcheou e em Tonkin. Os inglezes têm introduzido esta cultura nos seus estabelecimentos da Himalaya, depois no Assam e no Sikkim; e os holandezes têm obtido em Java productos pouco inferiores aos da China.

Os francezes têm ensaiado por duas vezes a cultura do chá em Cayenna e na Martinica, mas sem resultado.

Colheita.— A colheita é feita quando o arbusto tem quatro annos. Fazem-se geralmente duas colheitas por anno: uma na primavera e a outra em setembro, algumas vezes uma terceira e mesmo quarta. As colheitas da primavera fornecem o chá mais estimado, contendo o sabor mais fino e o aroma mais agradável.

Especies.— As diversas variedades de chá que existem no commercio podem ser reduzidas a duas grandes classes: *chá pretos* e *chá verdes*, que não correspondem ás especies vegetaes distinctas, mas ás das escolhas de folhas colhidas em uma epocha mais ou menos avançada sobre o mesmo arbusto, e ás que se faz sujeitar operações que lhes modificam o aspecto e as propriedades.

Entre os chás pretos que veem á Europa distinguem-se: o *chá souchong*, *chá congo*, *chá pekao*, *chá pekao alaranjado* e *chá pouchong*.

As sortes mais estimadas entre os chás verdes são: o *chá hyson* ou *hystwen*, *chá perola*, *chá polvora*, *chá schoulang* e *chá tonkay*.

Commercio e produção.— Os seguintes algarismos exarados

no *Polytechnisches Centralblatt* (N. F. xvii), dão uma idéa da importancia sempre crescente que toma o consumo do chá.

A produção annual do chá eleva-se a 218 ou a 220 milhões de libras.

Durante o anno de 1868 a China produziu 186 milhões de libras de chá, e em 1869 deu 189 milhões de libras.

O Japão exportou, em 1867, 10 milhões e em 1869 approximadamente 14 milhões de libras de chá.

Java e Madeira têm produzido, em 1870, perto de 2 milhões de libras de chá.

A Inglaterra é o paiz do mundo onde se consome mais chá, e a Italia é o paiz no qual se faz menos uso.

O consumo annual de 1868 a 1871 tem sido, em Inglaterra, de 3 libras 280 de chá por habitante, e na Italia de libra 0,012.

Conforme o sr. Husson, o consumo annual do chá em Paris é de 40:000 kilogrammas.

O chá tem sido, n'estes ultimos annos, o assumpto de analyses chemicas muito interessantes de parte de alguns chimicos allemães. Zöller tem estudado com toda a minudencia os chás da Himalaya, e Weyrick tem levado as suas analyses a 23 especies de chá distinctas; estes dois chimicos têm procurado nos processos empregados o meio seguro de se pronunciar sobre o valor commercial dos chás.

O sr. Weyrick, no seu trabalho, que tem sido reproduzido *in extenso* no *Jahresbericht über die Fortschritte der Pharmacognosie* (1873), tem procurado resolver as questões seguintes:

A proporção da théina está em relação com a qualidade alimenticia do chá?

O chá é tanto melhor o que apresentar maior porção de cinzas?

O chá, rico em principios soluveis, é melhor o que for menos abundante d'estes mesmos principios?

A proporção da cal e a do acido phosphorico podem servir para determinar a qualidade do chá?

Depois de haver comparado e estudado os resultados fornecidos pelas analyses, tão complexas e variadas, o sr. Weyrich conclue que a qualidade do chá depende do seu preço no mercado, porque o gosto do consumidor é o unico criterio da sua qualidade. O sr. Weyrick, de accordo com o sr. Zöller, certificam que não existe processo chimico positivo para determinar o valor das especies de chá isoladas.

Passámos a examinar se ha mais facilidade de provar as falsificações a que se póde sujeitar o chá.

Falsificações.— As falsificações do chá podem ser de differente natureza: umas consistem na coloração artificial d'este producto, destinado a fornecer o chá de inferior apparencia de qualidades que não possui; outras fundam-se na substituição de folhas estranhas as quaes devem compôr o chá.

No seu excellento trabalho sobre as falsificações das substancias alimenticias, os srs. Chevallier e Baudrimont apresentam os melhores processos praticos para determinarem a natureza das differentes materias que se ajuntam ao chá, com o fim de o córar artificialmente. Indicam tambem o meio de reconhecer o chá já esgotado, mas não ministram nenhum methodo preciso para reconhecer a fraude que se pratica mais commumente e que consiste na addição de folhas estranhas no chá.

O meio que me parece de mais facil execução, para reconhecer estas falsificações, consiste em tomar um gramma de chá suspeito e fazer infusão; depois de meia hora, em agua bem quente, as folhas têm absorvido grande quantidade e podem desenrolar-se mui facilmente; estendendo-as sobre a lamina de vidro é facil de achar, na fórma das folhas e na disposição das nervuras, os caracteres da sua origem e a natureza das ditas folhas submettidas á infusão. N'este caso, não sendo evidentemente accusados os caracteres, bastará sujeitar as folhas suspeitas a uma nova dessecação, reduzi-las a pó grosso e procurar, nos fragmentos assim obtidos, os caracteres anatomicos que distinguem visivelmente as folhas do chá.

N'este intuito vou encetar o estudo dos caracteres botânicos e dos caracteres anatomicos da folha do chá, depois estudarei as diferenças que apresentam as folhas estranhas que se lhe encontram mais frequentemente.

As folhas do chá medem 5 a 6 centímetros de comprimento; são curtamente pecioladas, ovaes-oblongas ou ovaes-ellipticas, acuminadas no vertice, inteiras sobre as bordas na parte inferior e dentadas mais ou menos sobre o resto da sua extensão; no seu estado natural estas folhas são coriáceas, de nervura mediana; as pequenas nervuras que se desprendem das nervuras lateraes são pouco apparentes, tornando-se difficil distinguir o tecido formado pelo seu enlaçamento.

Examinada a sua estrutura anatomica, a folha do chá é recoberta de epiderma composta de cellulas tabulares angulosas e mui pequenas na face superior, e pouco sinuosas na face inferior.

A substancia contida entre as duas faces da epiderma occupa, na parte superior, uma ordem de cellulas cylindricas que recobre o parenchyma molle de cellulas alongadas ou polyedricas. No estado recente, estas cellulas contêm chlorophylla, sob a fórma de massas escuras, e algumas d'ellas encerram crystaes de oxalato de cal.

A folha do chá, recente ou secca, possui uma particularidade anatomica bem distincta, a qual consiste na existencia de grossas cellulas irregulares, de natureza pedregosa, que occupam toda a espessura da folha e servem de forro ás duas faces; estas cellulas irregulares são geralmente acanhadas pela parte superior e desenvolvem-se muito irregularmente na parte que se sustenta sobre a face inferior da folha.

A existencia d'estas cellulas todas particulares e das sortes do forro nas folhas do chá, constitue um caracter anatomico muito importante e que concorre para certificar a pureza do chá, quando o exame dos caracteres botânicos das folhas tenham produzido alguma duvida no espirito do observador.

As folhas estranhas que substituem geralmente o chá, são:

as folhas de *abrunheiro*, *roseira*, *loureiro*, *choupo*, *salgueiro*, *freixo*, *sabuqueiro*, *morangueiro* e *espinheiro*.

Todas estas folhas podem ser descobertas pelos caracteres seguintes :

1.º Folhas alongadas, estreitas na base.

a. *Abrunheiro*. Folhas ellipticas, obovae, terminadas em agudo, com dentes frequentemente desiguaes e quasi duplas; as nervuras lateraes fórmam, com a nervura mediana, angulos assás agudos; algumas d'ellas, reunindo-se em distancia do limbo da folha, fórmam azas umas vezes simples outras vezes duplas; d'estas nervuras lateraes partem outras secundarias que, anastomosando-se entre si, produzem uma especie de rede com as malhas muito apertadas.

b. *Freixo*. Folhas alongadas, lanceoladas, menos largas e mais longas que as do abrunheiro, com dentes de serra agudos e pouco sinuosos; as nervuras lateraes, partindo da nervura mediana, dirigem-se para as bordas da folha sob o angulo de 45º com pouca differença; as mesmas nervuras não se reúnem em curvas, mas ajuntam-se entre si pelo intermediario das nervuras secundarias que fórmam tecido de malhas bastante largas.

c. *Salgueiro*. Folhas alongadas, sete a oito vezes mais compridas que largas, com a borda irregularmente dentada, com especialidade a parte inferior da folha; as nervuras lateraes terminam em qualquer distancia do limbo, sem tomarem a fórma de azas; e o tecido formado pelas pequenas nervuras é muito comprimido.

d. *Loureiro*. Folhas lanceoladas, distinguindo-se das antecedentes em que as bordas não são dentadas; as nervuras lateraes afastam-se da nervura mediana, ajuntam-se em fórma de azas, umas vezes simples outras vezes duplas, em qualquer distancia da borda da folha; e a rede formada das pequenas nervuras secundarias é muito mais unida que a das folhas de sabuqueiro.

2.º Folhas ovae, arredondadas na parte superior, terminadas em agudo na parte inferior: taes são as folhas de *mo-*

ranqueiro. Estas folhas têm as margens profundas e regularmente dentadas na sua parte superior; são mais ou menos providas de pellos, principalmente sobre a face inferior; as nervuras lateraes, que procedem da nervura mediana, dirigem-se quasi em linha recta pela margem da folha e terminam no cume dos dentes.

3.º Folhas ovaes, terminadas em agudo na parte superior e arredondadas na base.

a. Roseira. Folhas ovaes, tendo a margem regularmente dentada como a serra; as nervuras lateraes, que saem da nervura mediana sob o angulo de 45º, reúnem-se em curvas proximo das bordas da folha; as pequenas nervuras formam, anastomosando-se entre si, tecido de malhas muito unidas.

b. Choupo. Folhas ovaes, asymetricas, irregularmente dentadas sobre as bordas; as nervuras lateraes terminam no limbo da folha sem formarem curvas; o tecido das pequenas nervuras é menos regular, menos distincto e menos apertado que nas folhas de roseira.

(*Bull. de la Soc. royale de pharm. de Bruxelles.*)

Estofos de algodão tintos

A *Revista allemã*, publicada pela repartição imperial de saude, contém o seguinte:

«N'este momento, o commercio põe á venda estofos de algodão tintos de azul, rosa e cinzento, que contêm grande porção de arsenico. As analyses feitas no laboratorio da dita repartição de saude, têm provado que o arsenico encontrado n'estes estofos não provém, de modo algum, do emprego de materias córantes arsenicaes, mas unicamente dos mordentes e das substancias empregadas no seu preparo.

«Conforme a receita depositada na respectiva repartição, os ditos preparados contêm, em toda a sua massa, quasi $\frac{1}{6}$ de arseniato de soda. Os estofos, pelo decurso do tempo, podem tornar-se muito perigosos para a saude publica; a repartição imperial de saude julga do seu dever vigiar os tintos

reiros e os estampadores contra o emprego d'estas qualidades de preparados, e de os tornar especialmente cuidadosos sobre a existencia, em quantidade sufficiente, de aviamentos completamente inoffensivos que se encontram na pratica da tinctura e para o mesmo fim que os acima indicados.»

(*Le Monde pharmaceutique et médical.*)

J. D. CORRÊA.

PHARMACIA

Clyster opiado camphorado

Pelo sr. Ricord

Camphora em pó	50 centigram.
Extracto de opio	5 »
Gemma de ovo.....	n.º 1
Cozimento de semente de linho..	150 gram.

F. s. a. Para fazer cessar as erecções dolorosas que acompanham a blennorrhagia aguda. Banhos geraes, bebidas emollientes e diureticas.

Embrocação contra a alopecia

Pelo sr. Wilson

Agua de Colonia	50 gram.
Tinctura de cantharidas	6 »
Essencia de alecrim.....	10 gotas
Essencia de alfazema.....	10 »

Misture. Para esfregar brandamente o coiro cabelludo com pequeno pedaço de flanela embebida d'esta mistura, a fim de activar o renovo dos cabellos.

Gargarejo deterativo

Pelo sr. dr. Gallois

Cozimento de quina.....	150 gram.
Melito de rosas	30 »
Acido chlorhydrico	20 a 30 gotas

Misture. Este gargarejo é util na angina gangrenosa. Preparados tonicos internamente e cauterisações repetidas.

Gargarejo adstringente

Pelo sr. dr. Gallois

Sulfato de alumina e de potassa	4 gram.
Vinho branco	75 »
Cozimento de casca de carvalho	125 »

F. s. a. Para ser empregado nas affecções inflammatorias chronicas da garganta, com relaxamento da uvula.

Este soluto pôde igualmente ser prescripto, em injecções, na leucorrhêa e a ulceração da vagina, e em clyster na ulceração do recto.

Injecção antiblennorrhagica

Pelo sr. dr. Gallois

Extracto de opio	0,50 gram.
Extracto de saturno	1,00 »
Mucilagem de semente de marmelo	10,00 »
Agua distillada	100,00 »

F. s. a. Para injecções, algumas vezes ao dia, no começo da blennorrhagia aguda, para abrandar a dôr resultante da micção da urina. Administra-se ao mesmo tempo bebidas emollientes e banhos.

Licor americano contra a calvicia

Pelo sr. Shampoo

Rhum	500 gram.
Agua-ardente	75 »
Agua distillada	75 »
Tinctura de cantharidas	3 «
Carbonato de ammonia	3 »
Sal de tartaro	5 »

Misture os liquidos, solva os saes e filtre.

Banhe o coiro cabelludo e, depois de alguns minutos de contacto, lave com agua tepida.

Gotas antispasmodicas

Pelo sr. Rotkin

Licor de Hoffmann.....	} aã 4 gram.
Tinctura etherea de valeriana	
Tinctura de dedaleira	
Tinctura de belladona.....	

Misture. Administra-se dez a vinte gotas, durante o accesso da angina do peito. Fricções excitantes sobre a região esternal e, se o accesso se prolonga, injeccão subcutanea de atropina no nivel da região dolorosa.

Gargarejo resolutivo opiado

Pelo sr. Oppolzer

Borato de soda em pó.....	4,00 gram.
Extracto de opio.....	1,25 »
Mel branco	30,00 »
Infuso concentrado de salva	180,00 »

F. s. a. Prescreve-se contra a angina inflammatoria. Revulsivos sobre os membros e sobre o thorax.

Gargarejo resolutivo tannisado

Pelo sr. dr. Gallois

Acido tannico.....	2 gram.
Melito de rosas.....	45 »
Infuso de rosas	150 »

F. s. a. Administra-se na angina chronica.

Linimento contra a queimadura

Pelo sr. Beasley

Agua de cal.....	200 gram.
Glycerina pura	30 »
Agua de rosas.....	80 »
Gomma alcatira em pó.....	2 a 15 »

Solva em pequenas porções a gomma na agua de cal, agi-

tando fortemente, para evitar os grumos; ajunte a agua de rosas e depois a glycerina.

Este linimento é recommendado para combater as queimaduras artificiaes, as excoiações, as fendas dos beiços ou dos bicos do peito.

Loção resolutive contra a acnéa

Pelo sr. Startin

Hyosulfito de soda	4 a 8 gram.
Sulfato de alumina e de potassa	4 a 8 »
Agua de rosas	180 »
Agua de Colonia	12 »

F. s. a. Este soluto é destinado para combater a acnéa chegada ao ultimo periodo. Embebe-se compressas, que se applica, duas ou tres vezes ao dia, sobre a parte doente. Prescreve-se tambem, internamente, uma tisana amarga adicionada de xarope ou vinho antiscorbuticos, pastilhas de enxofre ou, melhor ainda, tres copos por dia de agua mineral sulfurosa.

Pilulas antispasmodicas

Pelo sr. dr. Gallois

Extracto de meimendro	2 gram.
Valerato de zinco	2 »
Subazotato de bismutho	4 »

F. s. a. 40 pilulas. Tres ou quatro por dia, no tratamento da choréa, das nervalgias e outras doenças nervosas.

Pilulas contra a choréa

Pelo sr. dr. Gallois

Extracto de meimendro	2 gram.
Valerato de ferro	4 »

F. s. a. 40 pilulas. Tres por dia, no tratamento da choréa, nos chloroticos, e para combater as dores nervalgias das mulheres anemicas e debilitadas.

Outra formula

Extracto de meimendro	0,40 gram.
Extracto de belladona	0,40 »
Extracto de opio	0,05 »
Extracto de alcaçús	1,00 »

F. s. a. 12 pilulas. Uma a tres por dia, para combater a choréa. Hydrotherapia, gymnastica.

Outra formula

Assafetida	5,00 gram.
Extracto de valeriana	5,00 »
Oxydo de zinco puro	1,00 »
Castoreo	3,00 »
Extracto de belladona	0,40 »

F. s. a. 80 pilulas. Uma a duas, de manhã e de tarde, contra a choréa.

Pilulas emmenagogas

Pelo sr. dr. Gallois

Aloès socotríno	1,00 gram.
Arruda em pó	0,50 »
Sabina em pó	0,50 »
Açafrão	0,50 »

F. s. a. 10 pilulas. Uma de manhã e outra de tarde, dois ou tres dias antes da epocha dos menstrosos. Semicupios, ventosas seccas sobre a região lombar e nos membros inferiores, sanguesugas na face interna e superior das coxas, exercicio a pé e continuado. Nos intervallos das epochas menstruaes, regimen lacteo, uso da quina e ferro.

Pilulas estomachicas

Pelo sr. Reece

Extracto de genciana	7,50 gram.
Carbonatò de soda desseccado	1,25 »
Gengibre em pó	0,75 »

F. s. a. 36 pilulas. Administra-se duas, de manhã e de tarde, como absorventes e estomachicas.

Pilulas estomachicas

Pelo sr. Schmidtman

Fel de boi espessado.....	5 gram.
Extracto de genciana.....	5 »
Rhuibarbo.....	5 »
Carbonato de ferro.....	2 »

F. s. a. pilulas de dez centigrammas. Oito a doze por dia, para combater a inappetencia.

Pilulas ferruginosas

Pelo sr. dr. Gallois

Tartarato ferrico-potassico.....	15 gram.
Extracto de ratania.....	5 »
Conserva de rosas.....	q. b.

F. s. a. 100 pilulas. Uma a dez por dia ás chloroticas que soffrem metrorrhagias.

Pilulas ferruginosas compostas

Pelo sr. Bretonneau

Ferro reduzido pelo hydrogenio...	8,00 gram.
Sulfato de quinina.....	0,50 »
Gengibre em pó.....	0,50 »
Extracto de quina amarella.....	1,50 »
Extracto de rhuibarbo composto....	1,50 »
Aloès socotrina.....	0,25 »

F. s. a. 50 pilulas. Uma a cinco por dia aos chloroticos e doentes tornados anemicos, após de febres intermittentes graves ou de graves doenças syphiliticas. Estas pilulas têm a vantagem de não produzirem constipação.

Pó contra a choréa

Pelo sr. Réveil

Raiz de valeriana em pó.....	3,00 gram.
Artemisia em pó.....	3,00 »

Raiz de belladona em pó	0,12 gram.
Castoreo em pó	0,24 »
Assucar de fôrma em pó.	6,00 »

Misture e divida em 20 dôses iguaes. Quatro por dia contra a choréa. Se o doente é chloro-anemico, administra-se-lhe os ferruginosos no intervallo dos accessos.

Poção contra a albuminuria

Pelo sr. dr. Gallois

Acido tannico	4,00 gram.
Laudano de Rousseau	1,50 »
Cozimento de uva ursina	120,00 »
Xarope de gomma	60,00 »

F. s. a. Duas a quatro colhéres por dia, na albuminuria e catarrho chronico da bexiga.

Poção contra a anorexia

Pelo sr. Fonsagrives

Extracto secco de quina	2 gram.
Tinctura de noz vomica	5 gotas
Vinho de Bordeaux	250 gram.
Xarope de casca de laranja	50 »

F. s. a. Para tomar em tres ou quatro vezes, no principio das refeições, para incitar o appetite.

Poção contra a albuminuria esscarlatinosa

Pelo sr. H. Roger

Agua de alface	60 gram.
Oxymel de scilla	40 »
Tinctura de dedaleira	40 gotas
Xarope de gomma	30 gram.

Misture. Para administrar ás crianças, em colhéres das de

café, de duas em duas horas. Aplicar na região lombar a tinctura de iodo, friccionar os membros com flanela impregnada de vapores de benjoim, e dar um laxativo brando, uma ou duas vezes por semana.

Poção contra a diphtheria

Pelo sr. Hanow

Acido salicylico	1 gram.
Phosphato de soda	4 »
Xarope de framboezas	50 »
Agua	250 »

F. s. a. Administra-se, de hora a hora, uma colher das de sopa aos adultos, e uma colher das de chá ás crianças acomettidas de diphtheria; recommende-se que engulam lentamente.

Soluto contra a diphtheria

Pelo sr. Ferrini

Hydrato de chloral	2 a 3 gram.
Glycerina purificada	15 a 20 »

Solva. De duas em duas horas banhe a região inflammada com este soluto. Internamente, administra-se ao doente, de hora a hora, uma colher de xarope de quina adicionado, para 60 grammas, de 30 centigrammas de hydrato de chloral.

Vinho tonico amargo

Pelo sr. dr. Gallois

Extracto de calumba	2 gram.
Extracto de quassia	2 »
Vinho de Malaga	500 »

Solva e filtre. Duas colheres, meia hora antes de cada uma das duas principaes refeições, para incitar o appetite das pessoas convalescentes de doenças graves e das dyspepticas.

J. D. CORRÊA.

VARIEDADES

Pharmacopêa portugueza.— Com a devida venia copiámos do *Jornal de pharmacia e sciencias accessorias de Lisboa*, março de 1878, o que se segue:

« Não são sempre os grandes estados, que as guerras e as revoluções agitam amiudadas vezes, que caminham á frente do movimento scientifico. Muitos paizes pequenos, graças á profunda paz que n'elles reina, e ás sabias instituições que os regem, têm avançado com passo rapido na senda do progresso. Portugal, que acaba de ser dotado com uma pharmacopêa digna por mais de um titulo de fixar a attenção dos pharmaceuticos, tem logar entre estes ultimos.

« É assim que o sr. H. Verhassel, fazendo justiça ao louvavel empenho com que temos sabido manter a paz no nosso paiz, e á sensatez com que aperfeiçoámos as nossas instituições politicas, dá principio a um folheto que publicou com o titulo de *Observations sur la nouvelle Pharmacopée portugaise*.

« O digno pharmaceutico de Anvers, depois de dar sumariamente noticia do plano geral da nossa pharmacopêa, de apreciar favoravelmente a vantagem da ordem alphabetica adoptada, e o acerto com que a commissão procedeu, descrevendo muito resumidamente os processos para a preparação dos productos chimicos que o pharmaceutico vae buscar ao commercio, reservando as descrições minuciosas para aquelles que é obrigado a preparar no seu laboratorio, ou porque a industria os não offerece em estado de perfeita pureza, ou porque exigem rigorosa exactidão, encarece e louva o empenho com que se modificaram algumas formulas antigas, ainda muito usadas, fazendo que as quantidades dos componentes sejam multiplas ou submultiplas exactas do gramma e que a relação entre estas e o composto possa sempre exprimir-se por multiplos decimaes do gramma. Indica os motivos em que a commissão se baseou para não apresentar tabellas das doses maximas dos medicamentos heroicos e, em

seguida, diz que em todos os paizes se apreciam as vantagens que resultariam da introdução de uma pharmacopêa universal, e que é sem duvida este o motivo porque os auctores da nossa pharmacopêa se approximaram tanto quanto possivel do *Codex medicamentarius*.

« Parece-nos que a aproximação não é tal que auctorise semelhante juizo, porque a commissão nem seguiu o plano do Codex, nem aproveitou d'elle, como de qualquer outro livro do mesmo genero, senão o que lá encontrou bom. Depois das observações geraes que indicámos, faz o auctor algumas outras em especial sobre os preparados officinaes, e chama para muitos d'elles a attenção da commissão encarregada de rever a pharmacopêa belga.

« Termina o sr. Verhassel o seu trabalho exprimindo o desejo de que a nossa pharmacopêa seja considerada sob todos os pontos de vista, por ser a appareição de um livro d'estes um successo no mundo pharmaceutico e *importar a todos os que d'elle fazem parte conhecer e estudar uma obra d'esta importancia.*

« Como portuguezes e como pharmaceuticos folgámos com o favoravel juizo que se faz da nossa pharmacopêa, e por isso damos resumida noticia do folheto do sr. Verhassel. = *F. F.* ».

Opio. — As falsificações do opio são muito numerosas, pelo seu valor intrinseco assás consideravel, e tem-se-lhe encontrado pedras, areia, chumbo, argila, cera, resinas, extractos, etc.

A fraude mais seria é a que consiste em esgotar o opio da morphina e dar-lhe o aspecto primitivo; e, para se assegurar da riqueza da morphina, tem-se empregado o processo do sr. Guilliermond, filho (*Journal de pharmacie*, 1867).

O bom opio, de 10 por 100, deve dar, por este processo, 1,50 de morphina.

Essencia de flor de laranjeira. — Tem sido falsificada com essencia de terebinthina, e reconhece-se este dolo empregando o processo do sr. W. Greville, o qual consiste na

differença de acção que exerce cada uma d'estas essencias sobre o papel de acetato de chumbo, antecedentemente escurecido pela sua exposição sobre o boccal de um frasco contendo sulphydrato de ammonia.

Deita-se uma gota da essencia de flor de laranjeira sobre este papel, e aproxima-se do calor para lhe accelerar a evaporação; se a essencia é pura não se manifesta mudança alguma, se contém essencia de terebinthina a coloração é destruida.

Biantimoniato de potassa.— Conforme o sr. Mialhe, no commercio tem sido encontrado contendo de mistura carbonato ou phosphato de cal e alvaiade.

Reconhece-se esta fraude quando o biantimoniato de potassa produza effervescencia com acido azotico diluido: o liquido acido dá precipitado branco com o oxalato de ammonia, quando contenha carbonato de cal; precipitado branco gelatinoso de phosphato calcareo com a ammonia, no caso da presença d'este sal; precipitado branco com o sulfato de soda, amarello com o iodeto de potassio, negro com o hydrogenio sulfurado, se o biantimoniato submettido á analyse contém carbonato de chumbo (alvaiade).

Acido citrico.— Encontra-se algumas vezes misturado com acido tartarico e sulfato de cal.

A falsificação por meio do acido tartarico pôde ser reconhecida, como indica o sr. Gaffard, deitando, gota a gota em pequena porção de agua de cal, o soluto aquoso do acido que se pertende analysar; a presença ou a falta do acido tartarico manifesta-se pela turvação ou pela transparencia do liquido, depois de terminada a reacção: o citrato de cal sendo soluvel em grande quantidade de agua, o tartarato de cal solve-se com difficuldade.

Para se assegurar da presença dos saes calcareos, deve-se neutralisar o acido pela ammonia e dividir o liquido em duas porções: em uma deita-se oxalato de ammonia, n'outra chloreto de bario, e se os dois liquidos precipitarem é devido ao

sulfato de cal; a precipitação pelo oxalato sómente indica a presença do citrato de cal, proveniente de pequena porção de carbonato de cal misturado antes da crystallisação do acido; algumas vezes a neutralisação ammoniacal é sufficiente para promover a precipitação do sulfato de cal retido em solução pelo acido citrico.

J. D. CORRÊA.

Liquefacção dos gases julgados permanentes e liquefacção e solidificação do hydrogenio.—Um dos mais importantes assumptos que agora occupa o mundo scientifico é a liquefacção dos gases permanentes. Este brilhante resultado foi conseguido, quasi simultaneamente, por M. L. Cailletet e M. Raoul Pictet com o auxilio de pressões enormissimas e de consideravel abaixamento de temperatura, emapparelhos especiaes inventados para este fim. Entre os gases liquefeitos até agora contam-se o hydrogenio, o oxigenio, o azote, o ar atmospherico, etc.

Não se podem ainda apreciar os caracteres physicos dos liquidos obtidos, porque apenas se formam à vista do observador para logo retomarem o estado gazoso.

Segundo o que se affirma no extracto de uma carta dirigida a M. Dumas por M. Pictet, este senhor, servindo-se dos mesmos apparelhos que empregou para a liquefacção do oxygenio, liquefez o hydrogenio puro, obtido pela decomposição do formiato de potassa pela potassa caustica, submettendo-o a uma pressão de 650 atmospheras e a um frio de -140° . O hydrogenio, aberta a torneira de vedação do tubo que o continha, saiu com violencia pelo orificio, fazendo ouvir um silvo agudo; o jacto tinha a côr azul do aço e era opaco n'uma extensão de 12 centimetros. No mesmo instante ouviu-se uma crepitação similhante ao ruido que produz a grenalha caindo no solo, o jacto tornou-se intermittente, e sentiram-se abalos a cada saída de liquido. Era evidente que a congelação do hydrogenio se operára no tubo em consequencia da evaporação do hydrogenio liquido.

F. F.

SOCIEDADE PHARMACEUTICA LUSITANA
Balancete do 1.º trimestre de 1878

Recetta		Despeza	
Saldo em cofre em 1 de janeiro de 1878.....	141\$930	Analyses toxicologicas.....	36\$000
Quotas dos membros contribuintes.....	141\$600	Assignaturas de jornaes estrangeiros.....	7\$200
Diplomas.....	2\$400	Iluminacao.....	2\$310
Analyses toxicologicas.....	48\$000	Contribuicao da renda da casa.....	6\$320
Assignaturas do jornal.....	3\$000	Ordenado do continuo.....	45\$000
Diferença da renda da casa, relativa ao 2.º semestre de 1877.....	10\$000	Gratificacao ao jardineiro.....	1\$500
		Gratificacao ao escriptuario.....	9\$000
		Estampilhas para jornaes e correspondencia.....	1\$380
		Despezas de expediente.....	6\$470
		Compra de moveis e concerto de outros.....	56\$000
		Diversas despezas.....	4\$260
		Saldo para o 2.º trimestre de 1878.....	175\$440
			171\$490
	346\$930		346\$930

Secretaria da sociedade pharmaceutica Lusitana, 31 de março de 1878.

O primeiro secretario,

Antonio Augusto Felis Ferreira.

O thesoureiro,

Joaquim de Sant' Anna Machado Figueiros.

Centro de Documentação Farmacéutica da Ordem dos Farmacêuticos

PEÇAS OFFICIAES

Extracto das actas das sessões litterarias

Sessão de 2 de abril de 1878

Presidencia do sr. Joaquim Urbano da Veiga

Abriu-se a sessão pelas sete e meia horas da tarde.

Foi lida e approvada a acta da anterior sessão.

O sr. *primeiro secretario* leu a

Correspondencia

Officios: — 1.º Da academia medico-pharmaceutica de Barcelona, convidando a sociedade a estabelecer relações scientificas com ella, e enviando os seus estatutos. — Recebido com especial agrado.

2.º Do ex.^{mo} sr. Antonio Augusto de Aguiar, accusando a recepção do diploma de socio benemerito, e manifestando o seu reconhecimento. — Inteirada.

3.º Do ex.^{mo} sr. Carlos May Figueira, agradecendo o diploma de socio benemerito, que a sociedade lhe conferira. — Inteirada.

4.º Do ex.^{mo} sr. Izidoro da Costa Azevedo, dando noticia de ter recebido o diploma de socio benemerito, e significando o subido apreço em que estima tão honrosa distincção. — Inteirada.

5.º Do ex.^{mo} sr. Antonio José Rodrigues Barbosa, pharmaceutico em Ponte de Lima, alludindo a uma publicação da *Gazeta do Norte*. — Inteirada.

6.º Do ex.^{mo} sr. procurador regio, convidando a sociedade a mandar proceder á analyse chimica de uma gordura suspeita. — Inteirada.

Em seguida o sr. Drack offereceu á sociedade um exemplar do *Indice chymico-pharmaceutico*, publicação ultimamente feita pelo sr. Pratas. — Resolveu-se que se noticiasse no *Jornal* o apparecimento d'este trabalho.

Primeira parte da ordem do dia

Propostas

Sob proposta do sr. Tedeschi foram admittidos para socios correspondentes nacionaes os srs. Ezequiel Augusto Barata Taborda, pharmaceutico em Mora, e Jeronymo Joaquim da Silva Guimarães, pharmaceutico em Marco de Canavezes.

Tambem foram admittidos para membros correspondentes o ex.^{mo} sr. José Januario da Silveira Costa, pharmaceutico em Borba, e o ex.^{mo} sr. Manuel de Mattos Viegas, pharmaceutico em Santa Combadão.

Segunda parte da ordem do dia

Eleição de uma commissão para elaborar um projecto de reforma da lei de saude

O sr. *presidente* consultou a sociedade sobre o numero de vogaes que devia ter esta commissão.

O sr. *Delicioso* lembrou a conveniencia de ser encarregada a mesa, attentos os seus recursos para conseguir tão util melhoramento.

O sr. *presidente*, em nome da mesa, significou a impossibilidade de bem desempenhar tão importante commissão, adduzindo razões, que a sociedade acatou.

O sr. *Corréa* mostrou desejos de ver a commissão composta de membros nomeados *ad hoc*.

O sr. *Coelho de Jesus*, referindo-se aos membros da commissão de direito pharmaceutico de um modo lisonjeiro, disse que nada achava mais logico, que a nomeação d'aquelles cavalheiros, para um trabalho tão da sua competencia; que aptidões já tão dignamente experimentadas em assumptos d'aquella ordem garantiam á sociedade um resultado proficuo e satisfactorio.

O sr. *Sousa Telles*, adduzindo, além de outros motivos, o de ter a commissão já contribuido com um grande contingente para este assumpto, o que facilmente se verificava da leitura do respectivo parecer, opta pela eleição de cavalheiros estranhos á commissão de direito pharmaceutico.

Terminada a discussão, o sr. presidente interrompeu a sessão, para os socios fazerem as suas listas.

Reaberta a sessão, e procedendo-se ao escrutinio, saíram eleitos os srs. Veiga, Tedeschi, Felix Ferreira, Sousa Telles e Drack.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente deu para ordem do dia da sessão seguinte propostas, pareceres de comissões, segundas leituras. Eram onze horas da noite. — O segundo secretario, *João de Jesus Pires*.

Sessão de 30 de abril de 1878

Presidencia do sr. Joaquim Urbano da Veiga

Abriu-se a sessão pelas sete e meia horas da tarde.

Foi lida e approvada a acta da sessão antecedente.

O sr. *primeiro secretario* leu a

Correspondencia

Officios: — 1.º Do sr. Joaquim Gonçalves de Aguiar, da Collegã, participando a mudança da sua residencia para Pom-bal, para onde deveria ser-lhe dirigida toda a correspondencia. — Inteirada.

2.º Do sr. Manuel de Mattos Viegas, de Santa-Combadão, agradecendo a sua admissão a socio, e referindo-se a assumptos de thesouraria. — Inteirada.

3.º Foi lido tambem um officio vindo da cidade da Praia, com referencia a uma local publicada no *Boletim official*, para a qual se chamava a attenção da sociedade. — Inteirada.

4.º Do sr. José Raymundo Alves Sobral, pedindo para lhe serem remettidos alguns numeros do *Jornal*. — Foram expedidos.

5.º Do sr. D. F. Prats Grau, de Barcelona, perguntando se se recebeu um exemplar da 2.ª edição do *Tratado de pharmacia operatoria*, do dr. Fors y Cornet, que offereceu á sociedade, cuja opinião sobre aquelle trabalho deseja conhecer. — Resolveu-se que a commissão de pharmacia dêsse parecer sobre este livro, se se recebeu, do que duvidava o sr. primeiro secretario.

Pareceres

Teve primeira leitura um parecer da commissão de pharmacia, relativamente á consulta do nosso socio o sr. Pitta Simões. — Ficou para segunda leitura.

Não havendo mais nada a tratar, o sr. presidente encerrou a sessão, dando para ordem do dia da seguinte propostas, pareceres de commissões, segundas leituras, e discussão do parecer da commissão de pharmacia que acabára de ter a primeira leitura. Eram dez horas da noite. — O segundo secretario, *João de Jesus Pires.*

PHARMACIA

Resina de escamonêa

Obtem-se ordinariamente esta resina descorando pelo carvão animal a tintura alcoolica, concentrada, de pó de escamonêa, distillando para separar o alcool, que serve para novas operações, e evaporando até á seccura.

Observando, porém, mr. Perret que a materia corante da raiz de escamonêa está combinada com alumina e cal, e facilmente transformavel n'uma lacca, insolavel no alcool, addicionando-se um pouco de acido sulphurico, serviu-se d'esta reacção para extrahir a resina em grande estado de pureza.

Eis o processo de mr. Perret:

«Trate-se o pó de raiz de escamonêa pelo alcool fervente até separar toda a parte resinosa; no liquido negro, espesso, resinoso e alcalino com o papel de tornesol, que se obteve, vertam-se algumas gotas de acido sulphurico até completa saturação; deixe-se em repouso o liquido então turvo para se separar a lacca córada que se formou; filtre-se o liquido descorado que se obteve e distille-se para se aproveitar o alcool; seque-se o residuo a banho de area, o que se consegue com muita rapidez se houver o cuidado de elevar gradualmente a temperatura até 102.º

A resina, perdidos assim os ultimos vestigios de humidade

e de alcool, é vertida sobre uma superficie de pedra e por ultimo reduzida a pó.

Este processo, segundo affirma mr. Perret, dá uma resina muito pura, branca, muito secca, e tem sobre o do *Codex* entre outras vantagens as do rendimento e da facilidade de execução.

A. FELIX FERREIRA.

(*Journ. de pharmacie et de chimie*).

Clyster de chloroformio

Pelo sr. Bouchut

Chloroformio.....	2 gram.
Alcool a 85°.....	16 »
Solva e ajunte:	
Agua	250 »

Este soluto é dado em clyster, nos casos de colicas saturnina ou nervosa.

Linimento calmante

Pelo sr. dr. Gallois

Balsamo de Fioravanti.....	32 gram.
Chloroformio.....	8 »

Misture. Deite certa quantidade d'este medicamento sobre uma pasta de algodão em rama, e applique-a rapidamente sobre o logar da dôr, na região epigastica; por exemplo: na gastralgia e as caimbras do estomago, e sobre a região do fígado no caso de colica hepatica, etc.

Apozêma purgativa

Pelo sr. Hardy

Amor perfeito	8 a 16 gram.
Foliolos de senne.....	4 a 8 »
Agua fervente.....	384 a 572 »

Faça infuso, para dar no começo do eczema e diminuir a secreção abundante que existe á superficie da pelle.

Mistura diuretica

Pelo sr. Graves

Emulsão de amendoas doces	300,00 gram.
Azotato de potassa em pó	4 a 8,00 »
Tinctura de dedaleira	1,50 »
Tinctura de meimendro	1,00 »

Misture. Uma colher, de hora a hora, para combater diversas fórmãs de hydropisia e, em particular, o edema que acompanha as doenças do coração.

Pilulas antiictericas

Pelo sr. dr. Gallois

Sabão medicinal	3,00 gram.
Aloès socotrino	1,25 »
Bitartarato de potassa	1,25 »
Xarope das cinco raizes	q. b.

F. s. a. 24 pilulas. Duas a quatro por dia, às pessoas affectadas de colicas hepaticas, para obstar a frequencia dos accessos. Agua de Vichy na occasião das comidas, abstinencia completa de alimentos gordos.

Pilulas catharticas

Pelo sr. Dickson

Extracto de belladona	0,30 gram.
Rhuibarbo em pó	1,00 »
Extracto de aloès	1,00 »

F. s. a. 12 pilulas. Uma ou duas, todas as noites ao deitar, às pessoas que soffrerem constipação habitual.

Pilulas contra a constipação

Pelo sr. C. Paul

Podophyllina	30 centigram.
Mel	q. b.

F. s. a. 10 pilulas. Uma á noite ao deitar, no caso de con-

stipação habitual. Esta pilula é sufficiente para desembaraçar o ventre no dia seguinte; mas se se quizer purgar são necessarias duas ou tres.

A podophyllina não produz constipação consecutiva, e pôde ser empregada por muito tempo sem perder a sua efficacia.

Pilulas purgativas

Pelo sr. Van den Corput

Podophyllina	0,20 gram.
Sabão medicinal.....	1,00 »
Essencia de funcho.....	20 gotas

F. s. a. 6 pilulas. Duas a quatro por dia, nas constipações seccas com inercia intestinal, que se observa nos hypochondriacos e nos homens de gabinete, adquirindo-se o appetite reparador e as regulares evacuações do ventre.

Pó contra a constipação

Pelo sr. Goutaret

Fava de Santo Ignacio em pó.....	2 gram.
Assucar de leite em pó.....	q. b.

Misture intimamente e divida em 36 doses. Uma dose, um quarto de hora antes de cada comida, contra a constipação habitual.

Poção de chloroformio

Pelo sr. Tourasse

Chloroformio.....	1 gram.
Alcool a 90°.....	8 »
Agua de loureiro-cerejeira.....	10 »
Agua de alface.....	120 »
Xarope de flor de laranjeira.....	30 »

Solva o chloroformio no alcool e deite na mistura das outras substancias. Administra-se esta poção ás colhéres, para combater as colicas hepaticas.

Pomada contra a calvicie**Pelo sr. Cazenave**

Medulla de boi purificada.....	32 gram.
Tinctura de cantharidas.....	4 »
Tinctura de canella.....	4 »

F. s. a. Para ser applicada de manhã e de tarde sobre a cabeça, tendo sido primeiramente lavado o couro cabelludo com agua salgada. Sempre que for possivel haverá cuidado de conservar os cabellos curtos.

Pomada resolutiva**Pelo sr. Bazin**

Iodeto de chumbo.....	7 gram.
Extracto de eicuta.....	7 »
Banha preparada.....	60 »

F. s. a. Para ser applicada em unções, de manhã e de tarde, nos ganglios engorgitados e dolorosos.

Pomada resolutiva**Pelo sr. dr. Gallois**

Iodeto de chumbo.....	2 gram.
Chloreto de ammonia.....	2 »
Banha preparada.....	30 »

F. s. a. Em fricções, duas vezes ao dia, sobre os tumores ganglionarios.

Pomada resolutiva**Pelo sr. Gray**

Iodeto de potassio.....	4 gram.
Alcool.....	4 »
Triture e ajunte:	
Banha preparada.....	30 »
Pomada mercurial.....	30 »
Camphora.....	8 »

F. s. a. Aconselhada como resolutiva.

Pomada de subazotato de bismutho

Pelo sr. dr. Gallois

Subazotato de bismutho.....	4 gram.
Coldcream	30 »

F. s. a. É empregada em unções, de manhã e de tarde, contra os dartros humidos e pruriginosos, a acnéa rosacea, etc.

Suppositorio laxativo

Pelo sr. Phoebus

Sulfato de soda desseccado.....	8 gram.
Sabão medicinal em pó	16 »
Mel espessado	q. b.

F. s. a. 4 suppositorios, que serão untados de oleo antes de os introduzir no recto. Estes suppositorios são uteis na constipação habitual.

Tisana diuretica

Pelo sr. dr. Gallois

Folha de dedaleira.....	1 gram.
Acetato de potassa.....	4 »
Xarope das cinco raizes.....	90 »
Agua fria.....	1:000 »

Macere a dedaleira na agua fria durante 24 horas, filtre, ajunte o sal e o xarope. Esta tisana é administrada nas affecções organicas do coração, acompanhadas de edéma dos membros inferiores.

J. D. CORRÊA.

CHIMICA**Synthese dos corpos organicos**

Posto que a chimica, pelos meios analyticos, se apossasse da composição das substancias organicas, perscrutando os reconditos arcanos da sua mais intima composição, vedado lhe

era no entanto produzir essas mesmas substancias, ainda que conhecesse os seus elementos atomo por atomo.

Assim, não obstante ser completamente definida a composição do assucar, do alcool, do acido acetico, do acido tartarico, do acido gallico, etc., só á natureza pertencia a manipulação d'esses productos, exercendo d'este modo um monopólio rebelde aos conhecimentos scientificos, e invalidando todos os esforços empregados; sabia-se decompor, sabia-se a dosagem, conheciam-se os elementos, completa inutilidade, que não permittia produzír o corpo, de que se sabia a formula.

O genio investigador da sciencia afadigava-se em continuas lutas para conquistar o velocino de oiro, e legar assim á posteridade o fabrico dos corpos organicos.

Na realidade os trabalhos tentados sobre tal assumpto partiram do raciocinio e da reflexão bem applicada.

Segundo a definição da synthese apresentada por mr. Naquet, que considera esta parte da chimica o modo de produzir corpos compostos por meio de seus elementos, partindo dos menos complicados para os mais difficeis, facil é imaginar que em muitas composições geralmente executadas se produzem syntheses; e assim mr. Naquet, tentando comprovar esta sua asserção, aponta-nos como exemplo a reacção effectuada, quando se submete o alcool á acção do acido sulfurico, dando nascimento ao ether.

Assim, sendo a composição do alcool C^2H^6O e do ether $C^4H^{10}O$, mr. Naquet, considerando que o producto obtido é mais complicado, que o seu congenero, considera esta reacção uma verdadeira synthese.

Foi portanto d'estas considerações, que chimicos celebres chegaram a obter a synthese de muitos corpos organicos, e tão concludentes foram as suas experiencias, que fizeram mr. Naquet exprimir-se do seguinte modo:

«A sciencia, progredindo, demonstrou que a mais perfeita identidade existia entre as reacções da chimica organica e as da chimica mineral.

«Póde-se, introduzindo elementos novos nos compostos or-

ganicos, operando sobre estes ultimos por oxidação, redução, substituição, etc., obter varios corpos de que não existia o menor traço nos seres vivos.

«Mais tarde se obteve um dos principios da urina, a uréa, por meio dos cyanatos e dos saes ammoniacaes, que ambos podem ser preparados por meio de seus elementos; tinha-se portanto destruido a barreira que separava as duas chimicas. Podia-se conceber a esperança de preparar, n'um dia, syntheticamente todos os productos organicos. Este pensamento está em grande parte realisado pelos notaveis trabalhos de MM. Kolbe, Barthelot, Wurtz, Kekulé, Lanizaro, Perkins, Duppa, Maxwell, Simpson, Harnitzky, Limpmann... etc.

«Não existem portanto actualmente duas chimicas distintas; esta sciencia constitue um só ramo, comprehendendo os corpos organicos e inorganicos.

«Realmente a chymica organica pôde-se considerar a parte da chimica, que estuda a serie dos compostos do carbonio.»

Tal a maneira como se expressa mr. Naquet, observando os progressos da sciencia, caminhando impavida por caminhos desbravados das matas, que se antepunham, com os seus espessos matagaes, ao rutilar do sol deslumbrante de purpura e oiro.

A luz, porém, infiltrando-se pelas mais estreitas fendas, lá vae projectar um ponto luminoso; e tendo por interprete Vœhler, surgiu, pela primeira vez em 1828, da retorta do laboratório, um producto organico, que só a natureza até aqui tinha preparado.

A natureza cedia á sciencia um dos seus arcanos, cabendo á uréa as honras de se deixar produzir syntheticamente; era o primeiro passo para a conquista do futuro, que gradualmente se deixaria avassalar por este espirito de novidade, que tudo perscruta, tudo descobre, tudo vê, e vae avante, sempre avante, com idéa fixa na estrella luminosa, que o guia e o conduz até á descoberta de um novo mundo.

Assim Vœhler fervia uma solução de sulfato de ammoniaco, com uma solução de cyanato de potassa, evaporava até

à seccura, e obtinha uma materia organica, a uréa, que até ali só se tinha obtido das urinas animaes.

Depois, em 1845, Kolbe fazia experiencias bastante fecundas em resultados syntheticos; este chimico obteve perchloreto de carbonio, fazendo operar o chloro secco sobre o sulfureto de carbonio; o enxofre do sulfureto de carbonio foi substituido pelo chloro, produzindo-se assim o perchloreto de carbonio; e este mesmo chimico, um pouco mais tarde, chegou a obter o acido trichloracetico, fazendo reagir simultaneamente o chloro e agua sobre o proto-chloreto de carbonio.

Éstes resultados syntheticos attrahiram a attenção de varios chimicos, que se dedicaram a novas experiencias, resultando de suas observações a fabricação synthetica do acido acetico, que mr. Melsens, em 1845, pôde obter do acido tri-chloracetico.

Mr. Melsens descobriu, que o hydrogenio nascente tem a propriedade de se substituir ao chloro dos compostos organicos chlorados, e d'este modo conseguiu converter o acido tri-chloracetico em acido acetico.

O primeiro passo para a synthese das materias organicas tinha sido empreendido em 1828; no fim de 1845 achavam-se produzidos syntheticamente: a uréa, o chloreto de carbonio, o acido acetico, etc.

Depois novas experiencias coroadas de bons resultados levaram outros investigadores á producção successiva da synthese do alcool, do acido lactico, do acido galhico, do acido tartarico, da mannita, etc.

A sciencia progride sempre, e nunca está dada a ultima palavra n'este certame de descobrir o desconhecido, de perscrutar os arcanos da natureza.

Seguimos de descoberta em descoberta; o que hoje é novidade amanhã torna-se rotina, e o espirito humano não cessa de investigar novos epigramas, seguindo sempre ávante, n'um caminhar vertiginoso, consolidando assim cada vez mais o pensamento de Pelletan, que para o mundo da publicidade ar-

remessou o seu brado grandioso de verdade, que repercute hoje com feliz echo pelo mundo scientifico: *Le monde marche.*

F. P. ALBANO GONÇALVES.

Extracção rapida da cafeina; processo dos srs. Cazeneuve e O. Caillot

Folhas de chá preto.....	uma parte
Agua fervente.....	quatro partes
Cal recentemente extincta.....	uma parte

Infundam-se as folhas na agua até que tenham amollecido, junte-se a cal, misture-se bem e seque-se a banho de agua. Introduza-se então a mistura na alonga do digesto-distillador e lixvie-se com chloroformio; distille-se até á seccura. Do residuo separe-se a cafeina, que está misturada com materia resinosa chlorophyllica, tratando-o pela agua a ferver, filtrando o soluto e evaporando-o a banho de agua.

Por este processo, que dispensa os successivos tratamentos pelo carvão animal aconselhados no que até ha pouco se usava, obtem-se logo a cafeina em cristaes brancos e sedosos.

A. FELIX FERREIRA.

Doseamento do gluten das farinhas

Pelo sr. P. Carles

Os nossos collegas que se occupam da analyse das substancias alimenticias notaram com interesse algumas das considerações feitas pelo sr. Lailler, após das experiencias comparativas de uma serie de amostras de farinha, as quaes são:

1.º A determinação exacta da quantidade de gluten, contido nos trigos e nas farinhas, é de uma importancia capital para apreciar o seu valor nutritivo e as suas qualidades commerciaes.

2.º O doseamento do gluten no estado humido não offerece interesse algum, óde ser a causa de falsas interpretações

sobre as qualidades dos trigos e das farinhas e de contestações entre os compradores e os vendedores.

3.º O doseamento do gluten no estado secco é o unico meio pratico que permite apreciar rigorosamente a quantidade de gluten contido nos trigos e nas farinhas.

Partilhamos inteiramente d'estas conclusões, e adicionamos que tendo sido muitas vezes incumbido de dosar o gluten de farinhas destinadas para exportação, havemos feito comparativamente os nossos doseamentos pelo methodo directo. Pelo processo recommendado pelo sr. Poggiale, processo que é baseado sobre o doseamento do azoto, os resultados obtidos por este ultimo methodo têm sido apresentarem uma tal exaggeração de cifras, que o considero falto de fidelidade.

Seguindo a opinião do sr. Lailier preferimos dosar o gluten no estado secco.

(*Bull. de la Soc. royale de pharm. de Bruxelles.*)

Meio de reconhecer o oleo de amendoas doces

Pelo sr. J. D. Bieber

Tendo este auctor analysado escrupulosamente grande numero de amostras de oleo de amendoas doces, conclue que o commercio fornece, com o nome de oleo de amendoas doces, pequena porção d'este oleo misturado com o de amendoas de pecegueiro. Apresenta o reagente proprio para distinguir estes dois oleos e o seguinte methodo de analyse:

Prepara-se a mistura de partes iguaes de acido sulfurico puro concentrado, de acido azotico fumante e de agua, e deixa-se esfriar.

D'esta mistura toma-se uma parte para cinco partes de oleo suspeito.

O oleo de amendoas doces produz linimento branco ligeiramente amarellado.

O oleo de amendoas de pecegueiro colóra-se em vermelho e depois em alaranjado.

Com o acido azotico puro $D=1,4$, o oleo de amendoas doces apresenta linimento amarello-pallido, e o de amendoas de pecegueiro linimento vermelho.

O mesmo auctor diz ter-se falsificado ou mesmo substituido completamente o oleo de amendoas doces com o oleo extrahido do fructo do *Pinus picea*, Linn.

(*N. Tydschr. v. d. Ph. in Nederland.*)

J. D. CORRÊA.

VARIÉDADES

Sulfato de quinina.—É um dos agentes mais preciosos da therapeutica e, pelo seu preço elevado, tem sido sempre objecto de especulação pelos defraudadores.

Os nossos illustrados collegas e consocios, os srs. Chevallier e Baudrimont, descrevem um importante e minucioso trabalho, contendo os processos de analyse para reconhecer o grande numero de substancias ordinariamente empregadas na falsificação do sulfato de quinina; terminam pela necessidade da analyse escrupulosa d'este excellente medicamento, offerecendo o seguinte resumo das experiencias, ás quaes o pharmaceutico deverá sempre submettê-lo, para se certificar da sua pureza:

«1.º A incineração, o sulfato de quinina não deve deixar residuo algum fixo; aliás contém saes mineraes.

«2.º Tratado pela agua acidulada com acido sulfurico, deve dissolver-se completamente; do contrario contém corpos gordos, que sobrenadam no soluto, sulfato de cal ou fecula.

«3.º Em presença do alcool a 60º e fervente, deve solver-se sem residuo; as substancias insoluveis no alcool serão os saes mineraes, os corpos gordos, o assucar de leite, a fecula, etc.

«4.º Dissolvido no acido sulfurico concentrado, não deve produzir coloração; os assucares escurecem, a salicina e a phloridzina avermelham.

«5.º Agitado com o ether e a ammonia, não deve produzir precipitado algum (cinchonina, quinidina).

«6.º Solvido na agua fervente e precipitado pelo oxalato de ammonia, o soluto filtrado não deve turvar-se pela addição da ammonia caustica; um precipitado indicaria a presença da quinidina».

Com relação á existencia da cinchonina no sulfato de quinina, o sr. Liebig, indica o processo seguinte: tome 1 gramm de sulfato suspeito e introduza no tubo de ensaio de 20 a 25^{cc} de capacidade, deite sobre o sulfato 10 a 12^{cc} de ether sulfurico puro, agite a mistura e ajunte 2^{cc} de ammonia liquida. Se o sulfato é puro, observa-se sómente a junção dos dois liquidos de differente densidade, apresentando camada scintillante delgada; e, quando contenha cinchonina, esta fica insolúvel e fórma precipitado branco, caseoso, na linha de contacto dos dois liquidos ethereo e ammoniacal.

Cantharidas. — Estes insectos, quando novos, são inteiros e muito brilhantes; conservados em vasos bem fechados não deixam de ser atacados pela traça e pelas larvas. Tem sido empregada a camphora, o mercurio, e o processo de Apert para as conservar.

O sr. Pereira assevera que o pó de cantharidas tem sido frequentemente falsificado com euphorbio. Para se descobrir esta fraude, o sr. Stanislas Martin recommenda fazer ferver no banho de agua, com pequena quantidade de alcool a 22°, as cantharidas suspeitas, depois filtrar o liquido ainda quente; pelo resfriamento o decocto deixa precipitar a gommaresina, susceptivel de ser conhecida pelos caracteres que lhe são proprios.

Segundo as experiencias feitas pelo sr. Morteux, 1 kilogramma de cantharidas em pó de boa qualidade fornece 150 a 160 grammas de extracto quasi inteiramente solúvel; e 40 grammas do mesmo pó fino deve produzir pelo menos 20 centigrammas de cantharidina.

Mirra. — Tem apparecido no commercio falsificada com diversas especies de bdellio (mirra da India), gommasesinas.

O sr. Bonastre diz que a mirra da India distingue-se da

verdadeira mirra pela sua côr denegrada, pouco transparente nas extremidades, abranda-se pelo calor da mão e é pouco aromática. Algumas gotas de ácido azotico, deitadas no soluto alcoolico d'esta materia, dão precipitado amarellado, o que não acontece com a verdadeira mirra que produz precipitado rosa passando ao vermelho.

Para se reconhecer se a mirra é pura ou alterada pela mistura de outras gommas-resinas, o sr. Giovanni Righini apresenta o meio seguinte: reduzir a pó muito fino 4 grammas de mirra e igual quantidade de chlorhydrato de ammonia muito puro, misturar os dois pós pela trituração e ajuntar a pouco e pouco 60 a 100 grammas de agua; se a mistura é solvida promptamente n'este liquido, é indício seguro de que a mirra não contém substancias estranhas.

Essencia de canella.—Em virtude do seu preço elevado, a essencia de canella de Ceylão, que é a mais estimada, tem sido falsificada com essencia de canella da China. A primeira, é de amarello-claro, cheiro agradável e muito aromático, sabor adocicado; a segunda, é de amarello-escuro avermelhado, cheiro desagradável e semelhante ao de persevejo.

O sr. Ulex certifica que a essencia de canella tem sido também adulterada com a essencia de cravinho. Aquecendo-se algumas gotas em vidro de relógio, ella enuncia vapor picante que provoca a tosse; o ácido azotico fumante, que a frio reduz a essencia de canella pura em massa crystallina, produz effervescencia com a essencia de cravinho, resultando um oleo escuro-avermelhado; o soluto concentrado de potassa solidifica a mistura das duas essencias e não a de canella; o perchloreto de ferro colóra o soluto alcoolico d'esta ultima, emquanto que a mistura é córada em azul ou em verde.

Escola de medicina e de pharmacia de Marseille.—O sr. Bouisson foi nomeado lente de botanica e de zoologia.

Sociedade de pharmacia de Paris.—(Sessão de 4 de julho de 1877). O sr. Stanislas Martin enviou uma obser-

vação acompanhada de um exemplar da planta denominada *Néli*.

O sr. Andouard, lente da escola de medicina e de pharmacia de Nantes, remetteu umas observações sobre a preparação e conservação da pepsina.

O sr. Bussy apresentou o relatorio dos trabalhos da União scientifica dos pharmaceuticos de França, e o sr. Petit offereceu dois exemplares da these do sr. Landrin sobre os alcaloides da quina.

O sr. Petit, a proposito da communição do sr. Andouard, lembrou que os solutos de pepsina na glicerina são desde muito tempo usados na Inglaterra; é de parecer que na preparação de substancias tão alteraveis como a pepsina, a pancreatina e a diastase, os processos mais simples são os melhores.

Evaporando-se rapidamente, em baixa temperatura, os macerados de membranas internas do estomago em agua distillada, tem-se podido obter productos dissolvendo e transformando quinhentas vezes o seu peso de fibrina ou de albumina coagulada. Obtem-se ainda melhores resultados procedendo-se á evaporação no vacuo.

O sr. Méhu recordou o novo methodo de preparação da pepsina descripto no appendice da *Pharmacopéa britannica*, o qual consiste em raspar a membrana interna do estomago, primeiramente lavada, e desseccar em baixa temperatura a materia assim obtida.

O sr. Yvon leu uns apontamentos sobre a composição de um liquido céphalorachidiano.

O sr. Méhu julga que a quantidade maior de albumina encontrada pôde ser devida ao estado de inflammação das membranas.

O sr. Planchon apresentou exemplares de quinas que lhe foram enviadas pelo sr. Howard, de Londres.

O sr. Marty fez conhecer os enganos que pôde causar o processo apresentado pelo sr. Robinet na Academia das sciencias, sobre a analyse do acido salicylico no vinho. Depois de

algumas observações feitas pelos srs. Limousin e Yvon, foi esta questão remetida á commissão respectiva.

O sr. Wurtz tem obtido com muita facilidade bons exemplares de santonato de soda pelo processo Dondé, que o sr. Lepage tem criticado em uma communicacão antecedente.

Nova pharmacopéa italiana. — Foi constituida em Roma uma commissão nomeada pelo governo italiano, sob a presidencia do senador Cannizzaro, professor de chimica da Universidade, a fim de elaborar uma nova pharmacopéa italiana.

Legião de Honra. — O sr. Rabot-Delaunay, pharmaceutico em Versailles, secretario do conselho de hygiene do Seine-et-Oise, e o sr. Caventou, membro da academia de medicina de Paris, foram nomeados cavalleiros da Legião de Honra.

Pharmacia portatil ou de campo. — Da *Officine de pharmacie* do sr. Dorvault copiámos por ordem alphabetica a lista das substancias, que póde ser modificada conforme os casos e as necessidades das pessoas para as quaes a caixa pharmaceutica é feita.

Açafrão.	Espirito de melissa.
Acido azotico.	Espirito vulnerario.
Acido phenico.	Ether sulfurico.
Acido tartarico.	Gomma arabica em pó.
Agua-ardente camphorada.	Hydrato de potassa.
Agua de Rabel.	Ipecacuanha em pó, em doses de
Alcool rectificado.	25 centigrammas.
Ammonia liquida.	Kermes mineral, em papeis de 5
Azotato de potassa em pó, em doses de 25 centigrammas.	centigrammas.
Bicarbonato de soda.	Laudano de Sydenham.
Calomelanos, em papeis de 3,5 e 10 centigrammas.	Macella.
Camphora.	Oleo de amendoas doces.
Cerato, ou antes as substancias para o fazer.	Oleo de cacáo.
Creosota odontalgica.	Opio, em pilulas de 3 e 5 centigrammas.
Esparadrapo.	Oxydo de magnesio.
Espirito de cochlearia.	Pedra infernal.
	Quina em pó.
	Raiz de althea.

Rhuibarbo em pó, em doses de 50 centigrammas.	Tafetá inglez.
Senne limpo.	Tafetá vesicante.
Soluto de subacetato de chumbo.	Tartaro emetico em pó, em doses de 5 centigrammas.
Sulfato de magnesia.	Tilia.
Sulfato de quinina, em papeis de 5 e 10 centigrammas.	Vinagre aromatico.
	Vinagre inglez.

Agarico dos carvalhos.	Espatula.
Ataduras.	Fios de linho.
Balança pequena.	Gral de porcellana.
Compressas.	Tesouras.

Acido tartarico. — No commercio tem sido algumas vezes misturado com o cremor de tartaro, sulfato acido de potassa, alumen, cal.

Os srs. Chevallier e Baudrimont descobrem estas fraudes, tratando o acido suspeito pela agua fria, o qual deixa insolavel o cremor de tartaro que lhe foi adicionado; e, submettido este á incineração, produz carbonato de potassa facil de reconhecer.

O sulfato acido de potassa e o alumen são descobertos tanto pelo alcool que os separa, solvendo sómente o acido tartarico, como pela calcinação que deixa em residuo o sulfato alcalino só ou misturado de alumina.

A cal, misturada ao acido tartarico, é manifestada pelo residuo de carbonato de cal que o acido produz pela incineração, pela effervescencia que os acidos produzem no mesmo carbonato, e pelo precipitado que o seu soluto produz com o oxalato de ammonia.

Carbonato de lithia. — Tem sido falsificado pela addição de certa quantidade de assucar de leite.

O sr. Schlagdenhauffen descobre esta fraude pela facil solubilidade do assucar na agua, pela sua acção a quente sobre o tartarato cupro-potassico que o reduz, e pelo cheiro de caramello que resulta da calcinação.

J. D. CORRÊA.

DIREITO PHARMACEUTICO PORTUGUEZ

Chronologia de todas as leis, alvarás, decretos, portarias, editaes, etc., relativos aos pharmaceuticos, desde a fundação da monarchia portugueza

(Continuado do tomo 3.º da 7.ª serie, pag. 414)

N.º 328

Carta de lei, de 6 de maio de 1878, pela qual sanciona o código administrativo

DOM LUIZ, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º É approvedo o código administrativo que faz parte da presente lei.

Art. 2.º Fica revogada a legislação em contrario.

Mandámos portanto a todas as auctoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço da Ajuda, aos 6 de maio de 1878.—EL-REI, com rubrica e guarda—*Antonio Rodrigues Sampaio*.—(Logar do sêllo grande das armas reaes.)

Carta de lei pela qual Vossa Magestade, tendo sancionado o decreto das côrtes geraes de 27 de abril ultimo, que approva o código administrativo que faz parte do mesmo decreto, o manda cumprir e guardar como n'elle se contém, pela forma retrò declarada.

Para Vossa Magestade ver.—*João Pereira* a fez.

CÓDIGO ADMINISTRATIVO

TITULO VI

Das camaras municipaes

CAPITULO II

Atribuições

Artigo 102.º A camara municipal pertencem attribuições :

.....
 Artigo 103.º Como administradora e promotora dos interesses municipaes, compete á camara :

.....
 7.º Crear partidos para facultativos, pharmaceuticos, parteiras e veterinarios, e hem assim os empregos necessarios ao desempenho dos serviços da administração municipal e interesse do concelho, arbitrando-lhes a correspondente remuneração e extinguindo-os quando se tornem desnecessarios ;

.....
 19.º Deliberar sobre a aposentação dos empregados municipaes ;

.....
 Artigo 106.º Não são executorias, sem previa approvação da junta geral do districto, as deliberações das camaras municipaes tomadas :

.....
 2.º Sobre a suppressão de empregos e de estabelecimentos municipaes ;

.....
 7.º Sobre aposentação de empregados ;

.....
 10.º Sobre demissão de empregados e suspensão por mais de trinta dias ;

CAPITULO III

Da fazenda municipal

SECÇÃO II

Da despeza municipal

Artigo 127.º As despesas da camara municipal são obrigatorias ou facultativas; são obrigatorias:

2.º Os ordenados e vencimentos dos empregados, e em geral as despesas com o serviço municipal;

7.º A retribuição dos partidos municipaes, a dos funcionarios e empregados administrativos e o pagamento das despesas do serviço administrativo;

9.º Os vencimentos de aposentação dos funcionarios da camara e da administração do concelho, que forem pagos pelo cofre do municipio nos termos d'este codigo;

CAPITULO IV

Dos empregados da camara

Artigo 152.º Os facultativos, pharmaceuticos, parteiras e veterinarios providos nos partidos municipaes não podem ser suspensos nem demittidos, nem se lhes pôde alterar os vencimentos e condições dos partidos, sem que sejam previamente ouvidos, e sem que preceda approvação da junta geral do districto.

Artigo 153.º Os partidos de que trata o precedente artigo só poderão ser providos por meio de concurso annuciado na folha official do governo.

Artigo 154.º É da competencia da camara conceder licença aos seus empregados.

Páço, em 6 de maio de 1878.—*Antonio Rodrigues Sampaio.*

(*Diario do governo n.º 107 de 1878.*)

N.º 329

Carta de lei, de 7 de maio de 1878, pela qual cria na ilha das Flores o lugar de sub-delegado e guardá mór e o de pharmaceutico

DOM LUIZ, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Al-

garves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º É creado na ilha das Flores um logar de sub-delegado de saude publica e guarda mór, com o ordenado annual de 600,5000 réis fortes, e um logar de pharmaceutico com o ordenado annual de 400,5000 réis fortes.

Art. 2.º Fica revogada toda a legislação em contrario.

Mandámos portanto a todas as auctoridades a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço da Ajuda, em 7 de maio de 1878.—EL-REI, com rubrica e guarda.—*Antonio Rodrigues Sampaio.*

Carta de lei pela qual Vossa Magestade, tendo sancionado o decreto das côrtes geraes de 13 de abril ultimo, que cria na ilha das Flores o logar de sub-delegado e guarda mór, e o de pharmaceutico, e designa o ordenado que a um e outro compete, manda cumprir e guardar o mesmo decreto como n'elle se contém pela fôrma retrò declarada.

Para Vossa Magestade ver.—*José Joaquim Durães* a fez.
(*Diario do governo n.º 406 de 1878.*)

N.º 330

Carta de lei, de 23 de maio de 1878, pela qual cria nas ilhas de Santa Maria, do Pico e Graciosa, no archipelago dos Açores, logares de sub-delegados de saude publica e guarda mór, e logares de pharmaceuticos

DOM LUIZ, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º É o governo auctorizado a crear nas ilhas de Santa Maria, do Pico e Graciosa, no archipelago dos Açores,

logares de sub-delegados de saúde publica e guarda mór, com o ordenado de 600\$000 réis fortes; e logares de pharmaceuticos, com o ordenado annual de 400\$000 réis fortes.

Art. 2.º Os sub-delegados de saúde serão obrigados a curar os pobres gratuitamente, sendo a qualidade de pobreza dos enfermos comprovada por attestado da respectiva camara municipal.

Art. 3.º Os referidos logares serão dados pelo governo por meio de concurso, ouvida previamente a competente camara municipal sobre se póde augmentar os ordenados estabelecidos com qualquer somma pelo cofre da mesma camara, ou, pelo menos, dar residencia aos nomeados.

Art. 4.º Fica revogada a legislação em contrario.

Mandámos portanto a todas as auctoridades, a quem o conhecimento e execução da referida lei pertencer, que a cumpram e façam cumprir e guardar tão inteiramente como n'ella se contém.

O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino a faça imprimir, publicar e correr. Dada no paço da Ajuda, em 23 de maio de 1878.—EL-REI, com rubrica e guarda.—*Antonio Rodrigues Sampaio*. — (Logar do sello grande das armas reaes.)

Carta de lei pela qual Vossa Magestade, tendo sancionado o decreto das côrtes geraes de 4 de maio corrente, que cria nas ilhas de Santa Maria, do Pico e Graciosa, no archipelago dos Açores, logares de sub-delegados de saúde publica e guarda mór, e logares de pharmaceuticos, estabelece as necessarias condições de provimento, e fixa os competentes ordenados, determinando que as respectivas camaras declarem se podem contribuir para o augmento d'estes, ou, pelo menos, dar residencia aos nomeados, manda cumprir e guardar o mesmo decreto como n'elle se contém, pela fórmula retrò declarada.

Para Vossa Magestade ver.—*José Joaquim Durães* a fez.
(*Diario do governo n.º 119 de 1878.*)

J. D. CORRÊA.

(Continúa.)

PEÇAS OFFICIAES

Parecer da commissão encarregada de apresentar o desenho de diploma para os socios, assim como o do timbre, approved em sessão de 27 de setembro de 1835.

«A commissão *ad hoc*, encarregada de apresentar a esta sociedade um desenho de diploma para os socios, assim como o do timbre que deve usar; havendo accordado sobre os que lhe pareceram melhores e mais analogos á sciencia: tem a honra de submittêl-os á sua deliberação.

Diploma

«Julgou a commissão que deveria ser lithographado e com differentes emblemas allusivos á pharmacia e sciencias accessorias.

«No centro estabeleceu um grupo de figuras. No meio d'elle, se vê a *Natureza* coberta, em grande parte, com um véo e, á sua direita, a figura da *Pharmacia* sentada sobre os volumes das sciencias accessorias, que lhe servem de base, isto é, *Zoologia, Botanica, Mineralogia, Physica* e *Chimica*, tendo sobre a cabeça um môcho, symbolo da *Sabedoria*.

«Coadjuvada pelo *Genio do estudo* que, de um lado, forceja por levantar o véo á *Natureza*, e contrariada pelo *Genio da verdade* que, de outro, obra em opposto sentido: significando esta lucta, entre os dois genios, que o pharmaceutico não pôde fazer descobertas, nem alcançar os verdadeiros principios scientificos, sem pertinaz trabalho, repetidas observações e experiencias, miudas analyses, profundas meditações e exactos raciocinios.

«Para que estes condigam com a pratica, tem em torno de si differentes objectos do seu laboratorio, como instrumentos physicos, chimicos e pharmaceuticos.

«Pretendendo ser protegida em sua ardua empreza, de cooperar para o allivio da humanidade enferma, observam-se de um e outro lado, como seus conselheiros seguros e expe-

rimentados, alguns dos maiores e mais antigos sabios da medicina, que exerciam simultaneamente os differentes ramos d'esta arte; como *Esculapio*, *Socrates*, *Theophrasto* e *Minos*.

«Como um dos principaes fins da Sociedade pharmaceutica de Lisboa, sejam os soccorros philanthropicos para com os seus consocios, viuvras e filhos dos mesmos, se acha, ao longe, o *Genio da Philanthropia* suspendendo, para que não caia, a um desgraçado cujas forças se acham extenuadas pela indigencia.

«No horisonte, o astro luminoso marca o dia 24 de julho de 1835, ou o da installação d'esta sociedade, que, á maneira d'aquelle, se vai elevando sobre a *Lusitania*, contribuindo com o seu movimento e influxo scientifico para o bem da humanidade enferma.

«Logo abaixo, os seguintes dizeres:

SOCIEDADE PHARMACEUTICA DE LISBOA¹. — A sociedade pharmaceutica de Lisboa, em conformidade de seus estatutos, admite o ill.^{mo} ... na qualidade de membro ... Lisboa, em sessão de ... de ... de ...

«Depois o logar para as assignaturas dos membros da mesa e os seus cargos; e á direita d'estes o timbre sellado em papel e obreia.

«A moldura ou faxa que guarnece este quadro é composta de differentes emblemas, como: os dos doze signos do anno, em que se nota a serie dos diversos tempos de que a pharmacia se utiliza em colher, preparar e conservar os productos dos tres reinos da natureza (conforme o estado de nascimento, acrescimo, vida e morte); os das sciencias physico-mathematicas; o da applicação, figurada pela candeia de *Epitheto*; e, finalmente, de corôas de carvalho, de louro e outras, como recompensa do amor das sciencias, da assiduidade no trabalho, etc.

¹ Esta sociedade, na refôrma dos seus estatutos approvados pelo governo em 7 de maio de 1838, tomou novo titulo de *Sociedade Pharmaceutica Lusitana*; conservando a sua sêde, antiguidade, direitos, deveres, propriedade e regalias.

Timbre

«Pareceu á commissão que deve ser cunhado e consistir em uma palmeira, como um dos symbolos da natureza, tendo enroscada uma serpente, emblema de *Esculapio*.

«Eis-aqui o que a vossa commissão julgou dever adoptar, e a sociedade determinará o que melhor lhe parecer.

«Sala da commissão, em 26 de setémbro de 1835.—*José Dionysio Corrêa*, presidente—*Carlos Gomes Barreto*—*Antonio Ignacio de Avelar*, secretario.»

PHARMACIA

Tisana forte de Zittmann, modificada
pelo dr. Constantino Cumano

Salsaparrilha cortada — trinta grammas.....	30
Chloreto mercurioso (<i>calometanos</i>) — doze decigrammas.....	1,20
Kino — setenta e cinco centigrammas.....	0,75
Sulfureto de mercúrio nativo (<i>cinabrio</i>) — vinte e cinco centigrammas.....	0,25
Sulfato de alumina e potassa — vinte e seis decigrammas.....	2,60
Alcaçus contuso — quatro grammas.....	4
Folhas de senne — oito grammas.....	8
Mericarpos de aniz (<i>herba doce</i>) — dois grammas..	2
Mericarpos de funcho (<i>sementes de funcho</i>) — um gramma.....	1
Agua distillada — setecentos e cincoenta grammas	750

Digira a salsaparrilha na agua por 24 horas; suspenda no liquido, envolvida em nodulo de panno, a mistura de chloreto, kino, sulfureto e sulfato; ferva até ficar reduzido a 250 grammas; infunda por meia hora o alcaçus, o senne, o aniz e o funcho; coe espremendo, deixe depositar e decante cuidadosamente.

**Tisana fraca de Zittmann, modificada
pelo dr. Constantino Cumano¹**

Residuo da operação antecedente.....	
Salsaparrilha — 15 grammas.....	15
Epicarpo de limão (<i>casca de limão</i>) — dois grammas	2
Cardamomo — dois grammas.....	2
Canella — dois grammas.....	2
Alcaçus — dois grammas.....	2
Agua distillada — setecentos e cincoenta grammas	750

Ferva o *residuo* e a salsaparrilha na agua até esta ficar reduzida a 250 grammas; infunda o epicarpo de limão, o cardamomo, a canella e o alcaçus por meia hora; coe espremendo, deixe depositar, decante cuidadosamente.

Modo de usar. — Toma-se pela manhã, e por uma só vez, a tisana **forte**; e de tarde, tambem por uma só vez, a tisana **fraca**.

Advertencias. — Haja cuidado de indicar nos letreiros das vasilhas qual é a tisana **forte** e qual a **fraca**.

Executem-se as operações em vasos bem esmaltados ou de vidro, grés, porcelana ou barro; os vasos metallicos devem proscreever-se.

Publicando as formulas d'estes medicamentos julgo prestar um serviço á humanidade, e rendo assim homenagem ao

¹ Da redacção d'esta formula deprehende-se bem que *todas* as substancias que servem para a *tisana forte* devem depois ser fervidas com a nova porção de salsaparrilha para se obter, infundindo no novo decocto a casca de limão, a canella, o cardamomo e o alcaçus, a *tisana fraca*. Não conseguimos ver a formula primitiva de Zittmann, cremos, porém, que os auctores que a transcrevem não alterariam tão profundamente o *modus operandi*, que devendo reservar-se para o segundo medicamento só a salsaparrilha, residuo do primeiro, o não advertissem, e para isso havia bastante motivo por serem muito outras as propriedades dos principios que o senne, o alcaçus, o aniz e o funcho cedem á agua, quando são submettidos a demorada ebulição. Sabemos que da redacção da formula, tal como se lê no Codigo Pharmaceutico Lusitano, em Bouchardat, no jornal *Os Estudos Medicos*, de Coimbra, etc., nascem duvidas sobre se deve considerar-se *residuo do decocto forte* tudo

saber do dr. Constantino Cumano, um dos homens de maior talento que tem pisado o sólo da nossa patria. Aos filhos do Algarve e especialmente aos de Faro, prestou este illustre medico com a sua sciencia relevantes serviços, que lhe conquistaram a estima e gratidão de todos que o conheceram. Fez curas quasi milagrosas, applicando com o maior criterio estas tisanas; muitos lhe devem a vida que hoje desfructam no seio de suas familias, por isso não duvido a affirmar a efficacia de taes medicamentos no tratamento de padecimentos originados pela syphilis secundaria ou terciaria como são, entre outros, as syphilides pustulosas, escamosas, papulosas, os tuberculos syphiliticos, as rhagadias, as vegetações, os tumores gommosos, as exostoses e necroses, a caria, as dores musculares e osteocopas, emmagrecimento, etc.

Occuparia muitas paginas d'este jornal se tentasse a des-

o que entra na composição d'elle, se só a salsaparrilha, unica substancia que é fervida. As duvidas a que nos referimos originam-se, talvez, o chamar-se *decocto* a este medicamento. Tal denominação é impropria; tres são as operações pharmaceuticas executadas, e só a uma se dá preferencia para denominar o medicamento. Porque? Ignoramos.

Indaguemos as causas de duvida na execução d'esta formula. Quando a natureza das diferentes substancias que se empregam para um medicamento exige que umas sejam tratadas por decoção, outras por infusão, usa-se, e é de rigor, fazer primeiro o decocto e n'elle o infuso; uns, porém, infundem as substancias no liquido sem o separar do residuo da decoção, outros separam-o primeiro; os que, executando a formula da *tisana de Zittmann*, a qual a maior parte dos livros chamam *decocto*, consultam Bouchardat, o Codigo ou os *Estudos medicos*, se usam o processo de separar o residuo dos decoctos para n'elles fazerem os infusos, natural é que tomem como residuo só a salsaparrilha, porque ali se diz = ao residuo do decocto antecedente junte, etc. =; e os que não usam separa-lo procederão de modo differente, considerando residuo tudo. Quaes erram? Os primeiros, cremos; e isto mesmo se conclue da inspecção das formulas publicadas no tratado de pharmacologia de Foy, em Jourdan, Henry et Guibourt, Soubeiran e outros. Se assim não devesse ser, para que serviria submeter a nova decoção só a salsaparrilha que já nada ou pouquissimo tem que ceder ao liquido? Não seria mais rasoavel fazer o segundo medicamento com uma porção um pouco maior de salsaparrilha?

cripção do estado medonho de um grande numero de doentes, que se têm apresentado n'esta cidade para serem aqui tratados, limitar-me-hei por isso a dizer que são tantos os casos de cura completa, e era tal o estado dos enfermos que duvidar da efficacia do tratamento equivaleria a duvidar do poder illuminante e calorifico do sol, e não lhe dar a maior publicidade seria praticar um crime.

As formulas que publico das tisanas forte e fraca são as que transcrevi para o meu copiadór quando pela primeira vez aqui as executei para o tratamento de Domingos José Alves Braga, primeiro doente que o dr. Constantino Cumano tratou. Estê homem, entrevado havia dez ou doze annos, restabeleceu-se completamente.

Faro, abril de 1878.

JOÃO AGOSTINHO FERREIRA CHAVES.

Tal duvida não existiria se, para denominar este medicamento, não se houvesse escolhido o nome do *formulato* que resulta de uma das muitas operações executadas para o obter. Nas formulas antigas deveria preferir-se o termo *apozema*, a que o uso modificou a primitiva significação, ou o termo *tisana*, como fez, e achamos que fez bem, o auctor do artigo que annotámos, e nós deveríamos crear, se não estivesse já creado, um termo proprio. A taes medicamentos chama-se hoje com muita propriedade *hydrolados*, segundo a nomenclatura do nosso illustrado collega o sr. Pedro José da Silva; como porém as nomenclaturas mais rigorosamente scientificas estão ainda, em pharmacia, n'um periodo de incubação, é preciso transigir com a rotina; transijámos, e chamemos ao *hydrolado de Zittmann* — *tisana* (ainda que tal nome deva antes servir para outros medicamentos destinados a preencher um fim differente dos de acção energica), e para justificarmos a preferencia que damos a este nome allegaremos que o grupo dos medicamentos que elle abrange se preparam ou só por digestão, ou só por decoção, ou só por infusão, etc., ou então por muitos d'estes processos successivamente, quando a natureza dos componentes o exige. É este ultimo o caso da formula publicada.

Se sempre se lhe tivesse chamado assim não appareceriam duvidas, porque quer se dissesse na segunda formula = *ao residuo da tisana antecedente* = quer = *ao residuo de operação antecedente* =, sempre se entenderia que era tudo; e, chamando-lhe decocto, resulta considerar-se residuo ou tudo, ou só a salsaparrilha, conforme o modo de operar, como acima observámos.

A. FELIX FERREIRA.

Glycereo contra o eczema

Pelo sr. Gintrac

Oxydo de zinco.....	10 gram.
Calomelanos.....	5 »
Glycerina pura.....	30 »

M. s. a. Unções sobre a pelle para combater o eczema, depois de haver antecedentemente amollecido e enxugado as escamas. Tisanas refrigerantes, purgantes repetidos.

Linimento calmante

Pelo sr. dr. Gallois

Balsamo de Fioravanti.....	80 gram.
Chloroformio.....	10 »
Laudano de Rousseau.....	10 »

Misture. Para fricções na região epigástrica, no caso de gastralgia aguda. Na insufficiencia d'este meio, applica-se sobre a mesma região um ou mais vesicatorios volantes, que serão curados com um sal de morphina.

Linimento contra as fendas

Pelo sr. dr. Gallois

Oxydo de zinco.....	1 gram.
Acido tannico.....	1 »
Glycerina.....	15 »
Tinctura de benjeim.....	2 »
Camphora.....	1 »

F. s. a. Unta-se a pelle, de manhã e de tarde, para curar as fendas.

Mistura contra a tosse convulsa

Pelo sr. Laborde

Infuso de café torrado.....	125,00 gram.
Xarope simples.....	125,00 »

Narceína 0,12 gram.

Acido acetico q. b.

Dissolva a narceína em algumas gotas do acido e ajunte o infuso e o xarope.

Esta mistura administra-se ás creanças, na dóse de uma colher das de doce, á noite, produzindo bom effeito contra a tosse convulsa e particularmente contra os accessos nocturnos d'esta affecção.

Pilulas antigastralgicas

Pelo sr. dr. Gallois

Extracto de meimendro 3,00 gram.

Azotato de prata crystallisado. 0,40 »

Subazotato de bismutho. 2,00 »

F. s. a. 40 pilulas. Uma de manhã e de tarde, na variedade de gastralgia que sobrevém assás frequentemente no decurso da gastrita chronica. Revulsivos na região epigastrica, hydrotherapia.

Pilulas antiictericas

Middlesex hospital

Massa das pilulas de mercurio 1,80 gram.

Dedaleira em pó 0,30 »

Scilla em pó 0,30 »

F. s. a. 10 pilulas. Uma de manhã e de tarde, para combater a ictericia, e eliminar do sangue a materia córante da bills. Tisana de saponaria, um copo de agua de Vichy a cada comida.

Pó antiacido

Pelo sr. dr. Gallois

Oxydo de magnesio 50 centigram.

Bicarbonato de soda. 25 »

Canella em pó. 25 »

Misture e divida em seis dóses, que se administra, de duas em duas horas, ás creanças cujas dejeccões são verdes e acidas. Cataplasmas sobre o ventre; clysteres emollientes.

Pó contra a tosse convulsa

Pelo sr. Kopp

Raiz de belladona em pó.....	0,12 gram.
Raiz de ipecacuanha em pó	0,12 »
Enxofre sublimado e lavado.....	2,00 »
Assucar de leite em pó.....	2,00 »

Misture e divida em 12 dóses. Uma a tres por dia, ás creanças de dois a quatro annos, doentes de tosse convulsa.

Pó desinfectante

Pelo sr. Collin

Chloreto de calcio secco.....	20 gram.
Alumen calcinado em pó.....	10 »

Misture. Colloque este pó em covilhetes de louça, com ou sem agua, nos logares que se pretende desinfectar.

Poção contra o delirium tremens

Pelo sr. dr. Gallois

Extracto de opio.....	0,50 gram.
Xarope de ether.....	15,00 »
Xarope de gomma.....	25,00 »
Agua de alface.....	100,00 »

F. s. a. Administra-se uma colher, de meia em meia hora, para abrandar a agitação dos doentes acommettidos de *delirium tremens*. Suspende-se a poção quando a agitação começa a diminuir. Limonada tartarica para bebida.

Poção contra o delirium tremens

Pelo sr. Graves

Tartaro emetico.....	0,24 gram.
Tinctura de opio.....	4,00 »

Camphora.....	1,00 gram.
Alcool.....	2,00 »
Agua distillada.....	250,00 »

Divida a camphora por meio do alcool, ajunte a agua, cõe por panno de linho e addicione o tartaro e a tinctura.

Uma colhêr das de sopa de duas em duas horas.

Poção contra a dysmenorrhéa

Pelo sr. Delieux

Soluto de acetato de ammonia.....	6 gram.
Tinctura de castoreo.....	4 »
Agua de hortelã pimenta.....	40 »
Agua de melissa.....	60 »
Xarope de açafão.....	30 »

Misture. Administra-se diariamente, para facilitar a reaparição do menstruo, quando o corrimento do sangue é insufficiente ou quasi nullo. Banho sinapisado aos pés, cataplasma quente sobre o ventre.

Poção contra a tosse convulsa

Pelo sr. Jeannel

Agua de tilia.....	100 gram.
Agua de loureiro-cerejeira.....	15 »
Xarope de belladona.....	30 »

Misture. Uma colhêr das de sopa, de duas em duas horas, variando-se a dóse do xarope segundo os effeitos obitos.

Pomada contra as excoriações

Pelo sr. dr. Gallois

Lycopodio.....	4 gram.
Oxydo de zinco.....	4 »
Banha preparada.....	16 »

F. s. a. Unções de manhã e de tarde, sobre as excoriações cutaneas.

Pomada contra a sarna

Pelo sr. Orosi

Enxofre em pó.....	2 gram.
Nicociana em pó.....	2 »
Helleboro em pó.....	2 »
Sal marinho secco em pó.....	1 »
Pomada oxygenada.....	24 »

F. s. a. Unções de manhã e de tarde e um banho sulfuroso cada dia.

Suppositorios de acido tannico

Pelo sr. dr. Gallois

Acido tannico.....	2,00 gram.
Banha benjoinada.....	2,50 »
Cêra branca.....	0,50 »
Manteiga de cacau.....	5,00 »

F. s. a. 10 suppositorios, que conterão cada um 20 centigrammas de acido tannico, e serão applicados com utilidade para abrandar as hemorrhagias hemorrhoidaes.

Xarope de lithina

Pelo sr. Duquesnel

Lithina hydratada.....	4 gram.
Xarope simples.....	200 »

F. s. a. Uma colher das de sopa representam 10 centigrammas de lithina; esta base une-se ao assucar e fôrma saccharato.

Dóse: quatro a oito colheres por dia aos gottosos.

J. D. CORRÊA.

VARIEDADES

Sentenças judiciaes em França.—A *Union pharmaceutique* dá noticia de que Berteaux, herbolario, fôra condemnado em 500 francos de multa pelo exercicio illegal de

pharmacia; e Fontaine, antigo enfermeiro de Bicêtre, em 300 francos pelo exercicio illegal de pharmacia e 90 francos pelo exercicio de medicina.

Oxydo de magnésio.— Contém algumas vezes agua para lhe augmentar o peso. O sr. Dubail certifica que o melhor meio de descobrir esta fraude é submeter á calcinação um determinado peso do oxydo suspeito e verificar depois a differença no peso; mas, para que o resultado seja valioso, é necessario que o oxydo não esteja carbonatado.

O oxydo de magnésio tambem pôde conter de mistura a silica, alumina, cal, carbonato ou sulfato de magnésia ou de soda, provenientes da falta de cuidado na preparação do carbonato de magnésia e na escolha das materias que servem para o obter, tornando-o improprio para o uso medicinal.

Dissolvendo-se o oxydo no acido chlorhydrico, a silica precipita-se sob a fórma de pó branco insolúvel; a alumina é precipitada, depois redissolve-se pelo excesso de potassa; o liquido, filtrado e levado á ebulição com um excesso de sal ammoniaco, dá precipitado de alumina.

O soluto acido fórma, com o chloreto de bario, precipitado branco de sulfato de barita, insolúvel no acido azotico se o oxydo contém sulfatos.

Se o oxydo estiver incompletamente descarbonatado, produzirá effervescencia em contacto com os acidos e desenvolve o acido carbonico.

A cal descobre-se facilmente, dissolvendo o oxydo suspeito em agua acidulada de acido chlorhydrico e neutralizando depois com a ammonia; obtem-se um liquido no qual o oxalato de ammonia produz precipitado neutro de oxalato de cal, insolúvel no acido acetico e soluvel no acido azotico.

Veratrina.— O sr. Oppermann diz que este alcaloide é completamente soluvel no ether; o acido sulfurico communique-lhe a coloração amarella que passa a vermelha-sanguinea. Os solutos dos saes de veratrina, acidificados pelo acido tartarico, precipitam pelo carbonato sodico.

Kino.— Este succo concreto tem sido falsificado com sangue de drago, bitume ou asphalto, cato, extracto de ratania.

O sangue de drago, é reconhecido pela sua insolubilidade na agua.

O bitume, pela sua insolubilidade na agua e no alcool e a fusibilidade pelo calor.

O cato, é descoberto, conforme o sr. Guibourt, submettendo o soluto aquoso, da substancia suspeita, á acção do sulfato de ferro, que dá precipitado verde-denegrido.

O extracto de ratania, segundo as experiencias feitas pelo sr. Wahlberg, distingue-se humedecendo com a saliva pequena porção do kino suspeito: se a côr permanecer de vermelho-escuro, o succo é puro; se, pelo contrario, apresentar coloração branca, que persista emquanto a superficie se conservar humida, contém o extracto de ratania.

Althea.— O sr. Blondeau assevera que, no commercio, tem apparecido raiz de althea branqueada com carbonato de cal. Esta fraude é facil de reconhecer, fazendo macerar a raiz no acido acetico puro e muito diluido; deitar, no macerado limpido, o oxalato de ammonia, que fórma precipitado branco de oxalato de cal, o qual, pela calcinação, é transformado em cal viva, que avermelha o papel curcuma e azula o papel de tornasol avermelhado.

Essencia de cajepute.— É extrahida da casca e folhas da *Melaleuca cajuputi*, ordinariamente de côr verde-pallido muito fluida.

O vocabulo *cajepute* significa, na lingua dos habitantes das Molucas, *arvore branca*.

A essencia pura, segundo Thompson, deve ser completamente solúvel no alcool e, quando isto não aconteça, é por que contém essencia de terebinthina; se a mesma essencia deixar residuo, indica estar misturada com oleos gordos e côrada artificialmente.

A distillação annuncia igualmente se a essencia é ou não pura: se estiver pura, passa para o recipiente com a colo-

ração verde que lhe é propria e, quando impura, passa incolor.

Conhece-se se o residuo contém cobre, submettendo-o á calcinação e tratando as cinzas pelo acido azotico diluido, depois pela ammonia em excesso, que produz coloração azul característica dos saes de cobre.

Valerato de zinco.— Tem-se vendido em Paris, e por preço muito baixo, butyrato de zinco, impregnado de essencia de valeriana, por valerato de zinco.

Estes dois saes são muito semelhantes e difíceis de distinguir. Os srs. Larocque e Huraut apresentam o processo pelo qual pôde ser reconhecida esta fraude; e consiste na differença de acção que os acidos valerico e butyrico exercem no soluto concentrado de acetato de cobre. O acido butyrico fórma immediatamente n'este soluto precipitado branco-azulado, enquanto que o acido valerico não produz mudança visível.

Phosphato de cal.— O sr. Lepage diz que esta substancia deve ser considerada não falsificada com a cré ou carbonato de cal, quando o liquido, separado do precipitado de phosphato de cal, não der precipitado com o oxalato de ammonia.

O sr. Duquesnel descobriu, no phosphato de cal, a presença do chumbo no estado de oxychloreto insolúvel, introduzido accidentalmente pelo vaso no qual havia sido preparado; n'este caso, o soluto chlorhydrico diluido do phosphato precipita em negro pelo acido sulfhydrico.

Hydrato de chloral.— Contém algumas vezes acido chlorhydrico, proveniente da purificação incompleta.

O sr. Mueller aconselha a necessidade de examinar a pureza do chloral hidratado, procurando a proporção do chloroformio que elle pôde produzir. Para este fim, faz-se decompôr 25 grammas, em tubo graduado, pelo soluto de hydrato de potassa em ligeiro excesso, tendo cuidado de operar

a frio: o chloroformio ajunta-se no fundo do tubo. Em multiplicando o seu volume pela sua densidade, tem-se o peso que deve ser de 72,2 por 100.

Sulfato de atropina.—O sr. Hager tem encontrado no commercio este sal diferentes vezes córado e com mancha azul ou violeta. O soluto fervente d'este reduz a escuro o azotato de prata, e a vermelho o reagente de Frommehrs. Todo o sulfato de atropina que apresentar estas propriedades deve ser considerado impuro.

Alcool.—O alcool de vinho distingue-se dos de fecula, sementes, bagaço da uva, melação, beterraba, etc., pelo cheiro e sabor.

Para reconhecer se o alcool é genuino, deita-se certa quantidade na palma da mão, facilita-se a evaporação esfregando as mãos uma com a outra: o alcool puro deixa sobre a pelle cheiro agradável.

O sr. Molner recommenda o processo seguinte: introduza 60^{cc} de alcool suspeito em um frasco contendo 2 a 3 decigrammas de hydrato de potassa solvido em agua; agite bem e submetta tudo á evaporação, até se reduzir a 5 ou 6 grammas; metta depois o residuo em frasco bem esmerilhado e ajunte 5 grammas de acido sulfurico diluido: o cheiro caracteristico não tardará a desenvolver-se, mórmente para o alcool de sementes e de beterraba.

Oleo de cacáo.—Encontra-se muitas vezes misturado com o sebo de vitella, medulla de boi ou outras gorduras animaes, oleo de amendoas, cera.

O oleo de cacáo falsificado não se dissolve completamente a frio no ether, como acontece com o oleo puro.

O sr. Delcher diz que o ponto de fusão é o melhor meio para reconhecer se o oleo tem sido ou não contrafeito: o oleo alterado pela mistura de sebos ou gorduras funde-se a 26° ou 28°, o oleo falsificado com o de amendoas funde-se a 23°.

SAUDE PUBLICA

Differentes caracteres pelos quaes se pôde distinguir os vinagres de vinho dos de cerveja, cidra, etc.

Pelos srs. Chevallier e Grimaud

No norte faz-se mais particularmente uso do vinagre proveniente da fermentação acetica da cerveja, cidra, etc. Estes vinagres têm os nomes de *vinagre de cerveja*, *vinagre de cidra*, etc., conforme o liquido d'onde tiveram origem. Distinguem-se dos vinagres de vinho pelos caracteres seguintes:

Vinagre de vinho

1.º Cór amarelenta ou vermelha.

2.º Cheiro acido alcoolico.

3.º Extracto viscoso muito acido, amarello atrigueirado, contendo os saes que existem no vinho. Apresentam sempre crystaes.

4.º Precipitado branco pelo subacetato de chumbo.

5.º O vinagre de boa qualidade, para ser neutralizado, exige 6 a 8 por 100 de seu peso de carbonato de soda secco; o de qualidade mediocre não exige mais que 5 a 6 por 100 do mesmo sal.

6.º Precipitado mais ou menos abundante, mas fraco, com o azotato de prata, oxalato de ammonia e chloreto de bario.

Vinagre de cerveja,
de cidra, etc.

1.º Cór amarelenta.

2.º Cheiro recordando o liquido primitivo.

3.º Extracto vermelho intenso, viscoso e mucilaginoso, sabor salino, pouco acido, não crystallisa, ficando sempre molle; tendo, o de cerveja, sabor acido ligeiramente amargo, e o de cidra, sabor de pero cozido.

4.º Precipitado cinzento amarelado pelo subacetato de chumbo.

5.º O vinagre de cidra exige, com pouca differença, 3,50 por 100 de seu peso de carbonato de soda secco; o de cerveja só exige 2,50 do mesmo sal.

6.º O vinagre de cidra fornece ligeiros precipitados com o azotato de prata, oxalato de ammonia e chloreto de bario; o vinagre de cerveja precipita-se mui levemente pelo oxalato de ammonia e turva-se em grande quantidade pelos outros dois reactivos.

Quantidade de ar necessario ao homem e o meio de conhecer a alteração do ar que respira

Um homem adulto carece, por hora, pelo menos, seis metros cubicos de ar puro, e ha vantagem em augmentar esta quantidade.

O ar exhalado na respiração apresenta a composição muito diversa da composição atmospherica e, se o ar que respirar for da mesma natureza que o ar exhalado, as condições da respiração não são preenchidas: este ar é consumido, o pulmão não pôde reconciliar-se e a asphyxia sobrevem.

Portanto um homem não pôde respirar sem difficuldade, durante vinte e quatro horas, n'um espaço limitado que não tenha mais que oito pés de altura sobre nove de comprimento e oito de largura. Terminado este tempo, o ar encerrado terá a mesma composição que o ar exhalado.

Quando differentes pessoas estão reunidas n'um aposento fechado, onde existe lume ou ardem vèlas, a parte salubre e respiravel do ar (oxygenio subtrahido para servir á combustão e á respiração) é substituido pelos gazes irrespiraveis e damnosos (acido carbonico, oxydo de carbono), productos d'esta combustão e d'esta respiração.

Póde-se observar a alteração do ar pelo alongamento e palidez da chamma das vèlas. Concebe-se portanto a rasão por que é necessario ventilar os aposentos, a fim de que a respiração seja livre quando haja grande illuminação ou muito fogo. A madeira que arde e o homem que respira effectuam o phenomeno da mesma natureza; é necessario boa tiragem para um e bom ar para outro.

Louças de barro vidradas

O edito do prefeito de policia, datado de 2 de julho de 1878, considera que o uso de louças de barro vidradas com oxydo de chumbo fundido ou incompletamente vitrificado, torna-se perigoso para a saude publica, e devem-se tornar toxicos os alimentos preparados n'estas vasilhas; prohibe a

fabricação e a venda d'estas louças, tanto francezas como estrangeiras, vidradas com o referido oxydo de chumbo fundido ou incompletamente vitrificado, e que cedem por consequencia o oxydo aos acidos fracos.

(*Répertoire de pharmacie.*)

Perigo do uso da semente de tremoceiro como vermifuga

Pelo sr. R. Bellini

A farinha de tremoço era empregada, como vermifuga, no tempo de Dioscorides e de Mésuê, seguramente por causa do seu amargor. Foureroy (*Ann. du Museum*, t. vii, p. 14), que a analysou, encontrou-lhe um oleo amargo que dá a esta farinha suas propriedades.

Conforme o sr. Bellini, a semente de tremoceiro contém um principio solúvel na agua, que será toxico para os homens e os animaes.

Quando este principio é absorvido, observa-se uma acção depressiva sobre o cerebro, uma perturbação dos vaso-motores, dos nervos de sensibilidade e dos musculos voluntarios.

O sr. Bellini concluiu dos seus trabalhos que é perigoso empregar a semente de tremoceiro como vermifuga. Os usos therapeuticos deverão ser sómente limitados ao exterior, como parasitico, por exemplo, ou em cataplasma como resolutivo.

(*Edinburgh Journal.*)

Envenenamento proveniente das conservas

O sr. Niepce, pae, deu conhecimento á sociedade de medicina de Nice de um caso de envenenamento produzido pelas conservas alimenticias.

M. X... foi atacado, á meia noite, de uma indigestão violenta com vomitos, grande resfriamento, emfim, todos os symptomas de verdadeira entoxicação. O doente não sabia a que

attribuir estes phenomenos, ainda que recordava-se ter comido de uma conserva alimenticia existente em uma boceta aberta ha tempo.

Foi examinada a boceta, e o microscopio descobriu, em toda a superficie da conserva, uma vegetação cryptogamica. Estes factos, acompanhados de outros relatados pela imprensa medica n'estes ultimos dias, fizeram imputar a causa do envenenamento á conserva. Deve-se aos estimulantes e aos vomitivos reiterados achar-se o doente inteiramente restabelecido.

O sr. Lambron recorda os envenenamentos, pelo tempo, das aves domesticas, as quaes produzem cogumelos analogos aos que se desenvolvem entre o miolo e a codea do pão fendido.

O sr. Niepce, filho, diz que deve-se receiar os mesmos effeitos do queijo de Roquefort, cuja coloração azul é devida ao miolo de pão holorento.

(*Nice médicale.*)

Alcaloide descoberto no pão de milho alterado

Pelos srs. Brugnatelli e Zenoni

A pellagra é, como se sabe, uma doença que se desenvolve nas pessoas que fazem uso do milho alterado. Esta alteração é devida ao cogumelo parasita.

O sr. Dupré extrahiu do milho alterado uma substancia que apresenta as reacções dos alcaloides, mas não determinou a composição e caracteres.

Os srs. Brugnatelli e Zenoni têm estudado este assumpto, por este motivo pozeram em observação grande quantidade de pão de milho, por se haver coberto de cogumelos.

Desde que o bolor começou a apparecer, a primeira quantidade do pão foi analysada, emquanto que a segunda porção não o foi senão depois de completo desenvolvimento dos cogumelos. Obteve-se um alcaloide nos dois casos, mas em maior abundancia no ultimo. Este alcaloide é insolúvel na

agua, mais solúvel nos ácidos diluídos, d'onde é precipitado, sob a fórma de flocos brancos, pelos alcalis ou os carbonatos alcalinos; é solúvel no alcool e no ether, e o soluto ethereo produz precipitado branco com o soluto ethereo de acido tartarico.

O alcaloide livre possui sabor muito amargo e contém azoto; altera-se com muita facilidade, a ponto de não se ter podido submeter á analyse. Dissolvido no acido sulfúrico concentrado dá, com os agentes de oxidação, coloração azul intensa, muito semelhante á que se obtém com a *strychnina*; e todavia elle distingue-se d'esta ultima pela bella côr de violeta que apresenta o vapor do bromo em reagindo sobre o seu soluto sulfúrico.

(*Union médicale.*)

J. D. CORRÊA.

PHARMACIA

Clyster de chloral

Pelo sr. Griffiths

Hydrato de chloral	3 a 4 gram.
Gemma de ovo	n.º 1.
Leite	150 a 200 gram.

F. s. a. É destinado para provocar o somno. Os doentes conservam bem este clyster, sem experimentarem ardor.

Collodio hemostatico

Pelo sr. Carlo Pavesi

Collodio officinal	100 gram.
Acido phenico	5 a 10 »
Acido tannico	5 »
Acido benzoico	3 »

Misture agitando. Esta mistura tem a côr trigueira, adhere com mais efficacia aos tecidos que o collodio ordinario, coagula instantaneamente o sangue e a clara de ovo, e applica-se com um pincel ou embebe-se-lhe tiras de panno.

Electuario diuretico

Pelo sr. dr. Gallois

Azotato de potassa.....	4 gram.
Carbonato de potassa.....	4 »
Tinctura de scilla.....	2 »
Tinctura de dedaleira.....	2 »
Mel branco.....	60 »

F. s. a. Administra-se ás colhêres das de café, no espaço de tres ou quatro dias, para activar a secreção renal, nas diversas fórmãs de hydropisia. Derivação sobre o intestino, por meio de purgantes repetidos.

Emplastro narcotico

Pelo sr. Graves

Opio em pó.....	2,50 gram.
Camphora em pó.....	2,00 »
Pez de Borgonha.....	} aã q. b.
Emplastro de chumbo.....	

F. s. a. Para combater as dores rheumaticas e nervalgicas do peito e da região lombar. Pôde ser ensaiado contra a sciatica e as dores thoracicas que se observam no fim da tísica pulmonar.

Injecção antileucorrhœica

Pelo sr. Maury

Acido salicylico.....	1 gram.
Agua distillada.....	300 »
Solva.....	

Linimento rubefaciente

Pelo sr. Hedenus

Petroleo rectificado.....	8 gram.
Tinctura de cantharidas.....	4 »

Misture. Este linimento é empregado em fricções, de manhã e de tarde, sobre o hypogastrio e a região lombar das

erianças acommettidas de incontinencia nocturna da urina. Banhos tepidos adicionados de carbonato de soda e de cevada germinada.

Loção resolutive

Pelo sr. Manec

Chlorhydrato de ammonia.....	10 gram.
Agua	500 »

Solva. Embeba uma compressa d'este soluto e applique-a sobre o joelho, no caso de hydarthrosa recente. Comprima moderadamente a articulação, com uma atadura, e banhe com este soluto. Se o derramamento não se dissipar por este meio, recorra aos vesicatorios volantes.

Pilulas contra a cephalalgia

Pelo sr. Hauches

Valerato de zinco	0,60 gram.
Extracto de belladona.....	0,15 »
Extracto de genciana	1,20 »

F. s. a. 12 pilulas. Tres por dia, para combater a cephalgia hysterica, principalmente se ha constipação habitual.

Poção bromada

Pelo sr. dr. Gallois

Brometo de potassio	6 a 8 gram.
Agua de tilia	100 »
Xarope de flor de laranjeira	32 »

F. s. a. Começa-se a dar uma colbér das de café d'esta poção, de manhã e de tarde, aos hystericos, depois augmenta-se progressivamente a dóse do sal, até que os doentes tomem 4 a 6 grammas por dia.

O uso do brometo de potassio deve ser por muito tempo

continuado; prescreve-se na mesma occasião os banhos de duche frios e o regimen tonico.

Poção de chloral

Pelo sr. dr. Gallois

Hydrato de chloral.....	5 gram.
Agua distillada.....	150 »
Xarope de cereja.....	50 »

Misture. Para tomar ás colhéres das de sopa, de hora a hora, até produzir o somno.

Poção contra a gotta aguda

Pelo sr. dr. Gallois

Tinctura de semente de colchico ...	10 a 15 gotas
Tinctura de dedaleira.....	10 »
Alcoolatura de aconito.....	15 »
Agua de alface.....	80 gram.
Xarope das cinco raizes.....	20 »

Misture. Administra-se ás colhéres, de duas em duas horas, nos accessos de gotta aguda. Algodão em rama e tafetá gommado, para cobrir as articulações dolorosas.

Pomada adstringente

Pelo sr. dr. Gallois

Noz de galha em pó fino	5 gram.
Banha benjoinada.....	32 »

Misture. Este medicamento é aconselhado no caso de hemorrhoidas facilmente sangrentas. Póde-se ajuntar 2 grammas de opio em pó, quando os tumores hemorrhoidaes são muito dolorosos.

Pomada antihemorrhoidal

Pelo sr. Sundelin

Sulfato de alumina e de potassa.....	3 gram.
Manteiga fresca e lavada.....	30 »

Solva o sal em pequena quantidade de agua e incorpore á manteiga. Unte de manhã e de tarde, com esta pomada, os tumores hemorrhoidaes fluentes. Para o mesmo fim, aconselha-se igualmente suppositorios de manteiga de cacão com extracto de ratania.

Pomada de oxydo de zinco camphorada

Pelo sr. Hardy

Oxydo de zinco.....	4 a 8 gram.
Camphora.....	2 a 4 »
Banha preparada.....	30 »

F. s. a. Unções de manhã e de tarde, sobre a pelle, para fazer cessar os pruridos provocados pelo lichen.

Pomada contra o herpes circular

Pelo sr. Hardy

Turbith mineral.....	1 a 2 gram.
Banha preparada.....	30 »

F. s. a. Applica-se de manhã e de tarde. Xarope de iodeto de ferro e oleo de figado de bacalhau; alimentação tónica e reparadora.

Pomada da viuva Farinier

Ann. do sr. dr. A. Bouchardat, 1849

Manteiga de vacca muito recente.....	60 gram.
Minio.....	1 »
Acetato de chumbo crystallisado.....	3 »

F. s. a.

Soluto antigottoso**Pelo sr. Garrod**

Carbonato de lithina.....	0,25 gram.
Agua de rosas ou de sabugueiro ...	24,00 »

Solva. Aqueça este soluto, embeba-lhe fios de linho ou esponja, e applique sobre as concreções, recobrando tudo de um tecido impermeavel de gutta-percha. Duas ou tres vezes ao dia, banha-se os fios ou a esponja, para conservar sempre humida.

Como remedio interno, prescreve-se o carbonato de lithina na dôse de 60 a 90 centigrammas, ou o citrato da mesma base na dôse de 1,20 grammas a 1,80 grammas, solvido na agua gazosa.

Suppositorio antihemorrhoidal**Pelo sr. dr. Gallois**

Extracto de ratania.....	0,50 gram.
Chlorhydrato de morphina.....	0,02 »
Estearina.....	3,00 »

Faça um suppositorio, que será efficaçmente empregado contra as hemorrhoidas dolorosas.

Xarope de chloroformio**Pelo sr. Bouchut**

Chloroformio puro.....	2,50 gram.
Alcool rectificado.....	12,00 »
Xarope simples.....	300,00 »

Misture o chloroformio com o alcool e depois ajunte o xarope e agite. Para dar ás colhéres aos hystericos, durante o insulto.

J. D. CORRÊA.

CHIMICA

Novo methodo de doseamento do assucar

Pelo sr. Brumme

Knapp descobriu, ha annos, um novo methodo para dosar a glucosa, tão exacto como o de Fehling, mais prompto e muitas vezes mais applicavel, sendo o liquido de ensaio muito mais facil de preparar e inalteravel.

A glucosa reduz completamente o soluto alcalino de cyaneto de mercurio, e o processo de doseamento é fundado sobre esta reacção.

Solva 10 grammas de cyaneto de mercurio puro e secco em agua, ajunte 100 centimetros cubicos de soda de 1,145 de densidade e dilua até completar 1 litro. A experiencia tem mostrado que 100 de glucosa reduzem á ebullição 400 de cyaneto de mercurio. Tomando-se portanto 40 centimetros cubicos do soluto de cyaneto de mercurio, ajuntando-se-lhe o soluto de glucosa até redução completa, a quantidade do soluto de glucosa empregado contém por conseguinte 400 milligrammas de glucosa. Para reconhecer o fim da reacção, têm sido empregados diferentes methodos: o auctor deita uma gota de liquido sobre uma folha de papel de filtrar que esteja tapando um copo que contenha sulphydrato de ammonia; esta gota não deve escurecer.

A este processo pouco commodo, Sachse substitue o emprego do soluto alcalino de oxydo de zinco, o qual obtem-se saturando um sal de zinco com soluto de soda. Este liquido precipita o mercurio dos seus solutos alcalinos com a cor escura ou negra, conforme sua quantidade; a mais pequena proporção de mercurio livre descobre-se sob a fórma de precipitado escuro.

O sr. Brumme tem repetido esta experiencia, mas sem resultado; para achar o meio muito mais sensível de distinguir o fim da reacção, serve-se de outro sal de mercurio para fazer o doseamento. O seu methodo funda-se no emprego do

soluto alcalino de iodeto de mercurio, o qual prepara solvendo na agua 18 grammas de iodeto de mercurio adicionando-lhe 25 grammas de iodeto de potassio. A este soluto ajunta 80 grammas de potassa solvida em agua, e que ao todo produza 1:000 centimetros cubicos; e, para ser empregado, é levado á ebullição em capsula: 40 centimetros cubicos d'este soluto corresponde a 0,72 de iodeto de mercurio, e addiciona-se a pouco e pouco com uma bureta o soluto de assucar.

O soluto mercurial deve ser primeiramente dosado com a glucosa pura, e achar-se-ha que 40 centimetros cubicos d'este soluto = 0,72 de iodeto de mercurio, corresponde á media de 15 grammas de glucosa. A superioridade d'este processo reside principalmente na nitidez com a qual se conhece o fim da reacção.

O soluto de Fehling é reduzido pela dextrosa, a levulosa e o assucar invertido. O soluto mercurial precedente comporta-se diversamente: 40 centimetros cubicos d'este soluto representando 0,72 de Hg I² correspondem a 0,1072 de assucar invertido. Esta reacção facilita poder-se determinar se o liquido assucarado contém glucosa, assucar invertido ou a mistura dos dois. É necessario então duas determinações: compara-se primeiramente a porção empregada de centimetros cubicos do soluto assucarado para reduzir 40 centimetros cubicos de soluto mercurial e, em seguida, observa-se com o licor de Fehling quanto o liquido assucarado contém de assucar C⁶ H¹² O⁶; estas duas quantidades permitem estabelecer duas equações, obtendo-se d'ellas duas igualdades, determinando-se facilmente a quantidade de assucar invertido e a glucosa contida no liquido analysado.

(*Zeitschrift für analytische Chemie.*)

Novo methodo de separação do arsenico de outros metaes

Pelos srs. Clermont e Frommel

Occupando-nos da dissociação dos hydratos de sulfuretos em presença da agua fervente, o caso particular do arsenico

suggeriu-nos a idéa de um novo processo de separação d'esta substancia de outros metaes, operação muito arriscada. Este methodo, de grande simplicidade, é applicado tanto na analyse qualitativa como na quantitativa.

Com effeito, um grande numero de hydratos de sulfuretos dissociam-se a 100° em hydrogenio sulfurado e em oxydo; portanto o sulfureto de arsenico é o unico que produz o oxydo solúvel, o acido arsenioso. Submettendo-se a mistura de sulfureto de arsenico e de outros sulfuretos á ebullição, serão todos oxydados e ficarão insolúveis na agua, á excepção do acido arsenioso que torna-se facil de isolar.

Para o ensaio qualitativo convém operar da maneira seguinte: deita-se a mistura dos sulfuretos em suspensão em determinada quantidade de agua, faz-se ferver durante algum tempo, e encontra-se immediatamente o acido arsenioso no liquido filtrado. A dissociação do sulfureto de arsenico é tão rapida que bastam dois ou tres minutos de ebullição para encontrar grande quantidade de acido arsenioso.

Quando se proceder ao doseamento é necessario tomar algumas precauções indispensaveis.

Supponhâmos que a mistura de arsenico, antimonio e estanho, se transfôrma toda em sulfuretos, fazendo-lhe passar a corrente de acido sulfhydrico, depois de haver acidulado pelo acido chlorhydrico e acido tartarico, se houver antimonio. Desde que ha certeza que a tótotalidade da mistura tem sido transformada em sulfureto, deixa-se precipitar em lugar quente até perder o cheiro do acido sulfhydrico, e deita-se tudo sobre um filtro. A lavagem deve ser feita com muito cuidado, por que a mais pequena quantidade de acido chlorhydrico, demorando-se no precipitado, occasionaria uma perda de arsenico, que se volatilisaria sob a fórma de chloreto. O precipitado completamente lavado será collocado com o filtro em um balão cheio de agua que será levada á ebullição.

Tem-se reconhecido que a reacção é muito mais rapida no aparelho distillatorio, por que a tensão de dissociação é mais consideravel no vapor da agua que no ar atmospherico.

A decomposição pôde ainda ser acelerada fazendo-se passar no aparelho uma corrente de ar que attraia o acido sulfhydrico á medida que este se desenvolva. Tem-se verificado que, para uma quantidade de arsenico não excedendo 2 decigrammas, a distillação de 500 a 600^{cc} de agua são sufficientes para a dissociação completa do sulfureto.

Filtra-se o residuo e, no liquido filtrado, encontra-se a quantidade integral de acido arsenioso, que será submettido ao doseamento por um dos processos conhecidos.

Sobre o filtro restam os sulfuretos não decompostos e os oxydos produzidos. Este processo permite a separação do arsenico de todos os outros metaes.

Differentes ensaios feitos com os sulfuretos de estanho, antimonio, oiro, ferro, etc., têm demonstrado o rigor d'este methodo.

(*L'Union pharmaceutique.*)

Soluto de albuminato de ferro

Pelo sr. dr. Trieze

A uma clara de ovo ajunte, pouco a pouco, 10 grammas de perchloreto de ferro liquido, que dará precipitado vermelho-sanguineo, será deitado sobre um filtro e lavado com agua distillada até que esta passe incolor; o precipitado é depois diluido em 500 grammas de agua distillada, á qual se tem adicionado 12 gotas de acido chlorhydrico: o soluto opera-se lentamente e, no fim de tres dias, fica completo.

O soluto constitue um medicamento que se administra ás colheres das de sopa tres vezes por dia; e, ainda que contenha diminuta quantidade de ferro (3 a 6 centigrammas para 100 grammas de liquido), produz resultados therapeuticos muito notaveis.

O albuminato de ferro secco do commercio é insolúvel, e emprega-se sómente para reproduzir instantaneamente o soluto precedente.

(*Journ. de pharm. de Alsace-Lorraine.*)

J. D. CORRÊA.

VARIEDADES

Pepsina.— Encontra-se grande numero de pepsinas, que são distinctas umas das outras pelo seu aspecto, valor, origem, etc. É impossivel avaliar a qualidade medicamentosa sem se proceder á analyse.

O Codex indica o seguinte processo para a pepsina officinal: introduza em frasco de bocca larga e não rolhado, *pepsina medicinal* 0,25 gram.; *agua distillada* 25 gram.; *acido lactico concentrado* 0,40 gram.; *fibrina do sangue, humida e não molhada* 10 gram.; colloque o frasco na estufa de agua quente, marcando 45° o maximo, e agite de tempo a tempo a mistura. Passadas doze horas a pepsina, se for de boa qualidade, tem dissolvido toda a fibrina, produzindo no liquido consistencia semi-gelatinosa; diluida em agua e filtrada, não deve turvar pela ebullicão nem pelo acido azotico a frio, mas precipitar pelo alcool forte e pelo tannino.

A pepsina tem sido algumas vezes misturada com assucar de leite e, se estiver mal preservada da humidade, torna-se muito acida, transformando o assucar em acido lactico.

Salicina.— Tem sido algumas vezes adulterada com sulfato de cal.

Para se assegurar da sua pureza, os srs. Chevallier e Baudrimont recommendam tratar, a salicina suspeita, pelo alcool fervente, que solve a salicina e abandona o sulfato de cal insolavel.

O sulfato, separado da salicina e tratado pela agua distillada fervente, fornece um liquido que dá, com o chloreto de bario e com o oxalato de ammonia, precipitados brancos de sulfato de barita e de oxalato de cal; aquecendo-se com agua distillada acidulada de acido chlorhydrico, obtem-se soluto que deposita, pelo resfriamento, o sulfato de cal crystallisado. Quando este soluto está muito diluido, a precipitação só tem lugar depois de ser concentrado o liquido.

Terebinthina copahiba.— No commercio tem sido encontrada contendo de mistura a resina de copahiba, terebin-

thina ordinaria, essencia de sassafrás, colophonia, oleo de ricino, etc.

A resina, reconhece-se pela espessura e aspecto lacteo que adquire a terebinthina copahiba.

A terebinthina ordinaria, faz augmentar-lhe a consistencia; o sr. Dublanc recommenda deitar, sobre o papel collado, uma gota da terebinthina de copahiba suspeita, que será depois secco a brando calor a parte do papel impregnado do liquido: a terebinthina de copahiba volatilisa-se e o cheiro da terebinthina ordinaria fica persistente.

A essencia de sassafrás, é conhecida, segundo o sr. Hager, misturando á terebinthina copahiba duas vezes o seu peso de acido sulfurico concentrado; depois do resfriamento ajuntar vinte partes de alcool, que produzirá coloração vermelha-escura, que augmenta pela ebullição, enquanto que, a terebinthina copahiba pura, tomará a côr amarella e deixará deposito resinoso.

A colophonia é, conforme o sr. Vivier, manifestada na terebinthina copahiba quando esta, solvida no alcool anhydro, deixa depositar crystaes brancos de acido sylvico. Este soluto alcoolico precipita em verde pelo sulfato de cobre, e em escuro pela potassa e a ammonia.

O oleo de ricino, faz com que a terebinthina copahiba não adquira, com o oxydo de magnésio, senão a consistencia de xarope ou de unguento, impropria para a confeição das pilulas, conforme as experiencias feitas pelo sr. Blondeau.

Polygala. — O sr. Oswald, pharmaceutico em Eisenach, descobriu uma falsificação da polygala com 1 por 100 de raiz de helleboro branco, que podia ter consequencias funestas; provando-se quanto é necessario examinar, com todo o cuidado, as drogas obtidas no commercio.

Casca da raiz de romeira. — É algumas vezes misturada ou substituida pelas cascas de buxo e de amoreira ou do tronco da mesma romeira.

A casca de buxo é branca exteriormente, muito amarga;

a de amoreira é amarella-avermelhada, muito enrugada, tuberculosa, de cheiro nauseoso e sabor doce.

A casca do tronco misturada á da raiz de romeira é, segundo as observações feitas pelo sr. Rigout-Verbert, facil de descobrir, por meio da lente ou do microscopio, pela presença de grande numero de vegetações cryptogamicas que se encontram sobre a epiderma das cascas do tronco, o que não acontece sobre a casca da raiz. As cascas dos ramos e troncos da romeira distinguem-se da casca da raiz, pela presença da medulla e do lenho esbranquiçado, que não se encontra nos corpos lenhosos amarellados das raizes.

O sr. Harz tem notado que a maior parte da casca do commercio é, na realidade, composta da casca do tronco; está substituição conhece-se porque as cellulas são mais largas, e as dos raios medulares não são alongadas mas quadrangulares.

Santonina.—O sr. J. Ruspini, de Bergame, diz que esta substancia tem sido falsificada pelo acido borico, o que se conhece pela acção do calor.

A santonina pura funde-se a brando calor sobre papel branco, liquida-se sem crepitação, deixando o papel um pouco gordurento e, depois de fria, crystallisa em massa de côr amarellada; misturada com o acido borico funde-se com ligeira crepitação, como os saes que perdem a sua agua de crystallisação, e colóra a chamma do alcool em verde.

Tambem se tem asseverado que a santonina tem sido adulterada com a gomma arabica, resina e assucar. Esta fraude reconhece-se pelo cheiro que exhala a substancia deitada sobre carvões ardentes; demais, a gomma e o assucar podem ser separados por meio do alcool ou do chloroformio, que solvem sómente a santonina.

Espermacete.—Tem sido algumas vezes falsificado com o sebo, materias gordurosas, cêra, acidos margarico e estearico, tornando-o saponificavel, menos laminoso, menos friavel, menos soluvel no alcool e no ether.

Com o nome de *solar espermacete*, tem sido exportado de New-York um pretendido espermacete que o sr. Ulex, de Hambourg, tem examinado comparativamente com o verdadeiro espermacete e que lhe pareceu ser o acido margarico.

Este *solar espermacete* é branco, opaco, com ligeira côr amarellada; duro, compacto e friavel; pouco gorduroso ao tacto; cheiro e sabor muito fracos, semelhantes aos das gorduras; composto de crystaes radiados, delgados, flexiveis, compridos e brilhantes, soluveis no alcool a 80° e igualmente nos alcalis causticos e nos carbonatos alcalinos.

Angelica.—No commercio tem sido algumas vezes substituida com a raiz de ligustico e a raiz de imperatoria.

O sr. dr. Hartung-Schwarzkopf, de Cassel, diz que:

A raiz de ligustico, não tem cheiro forte e aromatico como a de angelica; contém medulla amarellada, enquanto que a da raiz de angelica é de côr branca no interior.

A raiz de imperatoria, tem cheiro mais penetrante que o de angelica; a sua secção transversal apresenta a substancia interna de côr amarella-esverdinhada.

Oxydo de zinco.—Pôde ser falsificado com o carbonato e o sulfato de zinco, carbonato de cal, amido, farinha, etc.

É reconhecida a presença do carbonato de zinco ou de cal, fazendo dissolver no acido azotico pequena quantidade de oxydo e produzir effervescencia; o soluto dará precipitado branco, com o oxalato de ammonia, contendo a cal.

O sulfato de zinco, descobre-se tratando o oxydo pela agua distillada, filtrando e analysando o soluto filtrado pelo chloro de bario.

O amido ou a farinha, conhece-se empregando o processo do sr. L. Schaffner, pharmaceutico em Meisenheim, que consiste em fazer aquecer o producto sobre a lamina de platina, o qual ennegrece e augmenta de volume; depois, tratado pela agua fervente, dá mucilagem mais ou menos ligeira, que será analysada pela agua iodada.

Aloès.—Tem sido algumas vezes adulterado, tendo as sortes de superior qualidade misturadas com as sortes inferiores. Também tem sido encontrado contendo colophonia, ocre, extracto de alcáçus, pez resina, ossos calcinados, o que tudo facilmente se reconhece, conforme indica o sr. Norbert Gille, fazendo aquecer o aloès suspeito com 10 vezes o seu peso de agua adicionada de 2 a 3 centesimos de carbonato de soda ou de potassa, e mesmo de ammonia liquida, de potassa ou de soda caustica.

A solução opera-se promptamente e sem sedimento se o aloès é puro; no caso contrario, precipita não sómente as resinas, senão também as impurezas ajuntadas por fraude ou as que os aloès podem conter accidentalmente. No residuo, depois de desembaraçado do alcali e incinerado, reconhece-se facilmente o ocre e os ossos calcinados; pôde-se também empregar a incineração directa.

O aloès de boa qualidade deve fornecer 80 por 100 de extracto.

Escola superior de pharmacia de Montpellier.— O sr. Collot, licenciado em sciencias naturaes e pharmaceutico, foi encarregado provisoriamente, durante o anno escolar de 1877-1878, das funcções de lente substituto.

Sociedade de pharmacia de Paris.— (Sessão de 1 de agosto de 1877).

O sr. Wurtz apresentou á sociedade uma porção de cristaes de santonato de soda, e bem assim alguns exemplares da memoria sobre a emetina, trabalhos por elle feitos e o sr. Lefort.

O sr. Poggiale chamou particularmente a attenção da mesma sociedade sobre o processo de graduar os sulfatos alcalinos pelo sr. Jean; as experiencias do sr. Houzeau relativas á desaparição e ao doseamento da ammonia nas aguas; a analyse de um vinho antigo pelo sr. Berthelot; o processo para apreciar o alcool nos liquidos pelo sr. Fleury; finalmente, sobre a discussão levantada na academia das sciencias

acerca da theoria atomica, dos equivalentes chimicos e da lei de Gay-Lussac.

O sr. Dubail, a proposito da communicação feita pelo sr. Houzeau, lembrou as experiencias contidas na sua these inaugural, sustentada em 1832 na escola superior de pharmacia.

O sr. Desnoix apresentou uma capsula feita com um producto chamado *cellulosa liquida*, que offerece a vantagem de ser muito menos pesada que as capsulas metallicas empregadas nas garrafas, frascos, etc.

(Sessão de 3 de outubro de 1877.)—O sr. Stanislas Martin apresentou duas observações, sendo uma sobre o *Pau-pereira* e a outra sobre o meio de conservar o pó da cravagem de centeio.

O mesmo socio offereceu á sociedade o tronco com folhas e fructos de uma arvore do Senegal, conhecida com o nome de *Romboquiri*.

O sr. A. Petit apresentou dez exemplares da these do sr. Bougarel sobre a amygdalina.

O sr. Méhu fez presente de um novo apparelho para o do-seamento da uréa.

O sr. Yvon discorreu sobre o preparado da cravagem de centeio; expoz as experiencias que lhe fazem considerar o hydrato de chloral como caustico e não como vesicante; e apresentou novas experiencias sobre os azotatos de bismutho, as quaes lhe dão resultados differentes dos obtidos pelo sr. Ditte.

O sr. Bourgoïn fez varias observações concernentes á ergotina do sr. Tanret, por lhe parecer que o auctor não apresentára os caracteres de um producto bem definido e a descripção dos saes crystallisados.

O sr. Desnoix mostrou uma amostra de labdano de fôrma particular.

O sr. Dubail leu uma correspondencia do sr. Andral, vice-presidente do conselho d'estado, informando que o mesmo conselho emittira o parecer favoravel ao reconhecimento da sociedade de pharmacia como instituição de utilidade publica.

J. D. CORRÊA.